



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso de Licenciatura em Serviço Social

Análise da Importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: Cidade de Xai-Xai 2021-2023

Autora: Argência Alberto Jalane

Supervisora: Msc. Maria Joana de Almeida

Maputo, Junho de 2024

Análise da Importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: Cidade de Xai-Xai 2021-2023

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Serviço Social.

SUPERVISORA: Msc. Maria Joana de Almeida

Maputo, Junho de 2024

Análise da Importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: Cidade de Xai-Xai 2021-2023

Trabalho de Fim de Curso apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciada em Serviço Social, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

Mesa de Júri

Presidente _____

Oponente _____

Supervisora

(Msc. Maria Joana de Almeida)

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que este trabalho nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau acadêmico, e que constitui o resultado da minha investigação pessoal, e encontram-se indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas para a elaboração do mesmo.

Maputo, Junho de 2024

A Licencianda



(Argência Alberto Jalane)

DEDICATÓRIA

Em memória à Minha mãe Hortência Chissano, pela educação e a motivação para nunca vergar na luta pelos estudos, incluindo nos momentos mais difíceis da nossa vida em família. Aos meus irmãos Célio Jalane e Fidalgo Zandamela por terem sido a minha salvaguarda e acreditarem em mim: Mana. Ao meu bebé Cia, minha força de luta para alcance de um futuro brilhante para brilharmos juntos. Aos meus parentes sanguíneos e os poucos por afecto, pela paciência e por me acolherem ao longo da minha jornada para o alcance de melhores dias da minha vida. Às crianças autistas de Moçambique que como qualquer outra criança merecem uma atenção especial e promover o direito à educação adequada para o seu desenvolvimento é um imperativo.

AGRADECIMENTOS

São muitos os actores que contribuíram, directa ou indirectamente, para a materialização do presente trabalho. Uma forte gratidão é endereçada a todos que fizeram parte deste sonho, e sem poder citar todos:

Em primeiro lugar à Deus, pelo mistério da sua força em não me ter abandonado, mesmo em épocas em que a tempestade parecia fazer ruir o sonho. Pelo pão de cada dia que me deu sempre.

À minha Orientadora, Msc. Maria Joana de Almeida pela paciência, muito obrigada por não ter desistido de mim, na orientação do trabalho para alcançar o grau de Licenciatura, dando parte do seu tempo para fornecer uma orientação mais focalizada e prestar todo o apoio necessário na fase derradeira dos meus estudos a caminho do desenvolvimento deste trabalho.

Ao corpo docente do curso de Licenciatura em Serviço Social por cada ensinamento.

À Fundação Khamambo pela disponibilidade e abertura em fornecer informações relevantes, e facultar o contacto de famílias com crianças autistas. Aos Directores das escolas públicas e privadas de Xai-Xai pela recepção e por servir de elo de ligação para com famílias de crianças autistas.

Gratidão extensiva aos funcionários da faculdade de Letras e Ciências Sociais, bibliotecários, sempre prontos para servir os interesses dos discentes.

Aos meus colegas de turma, com quem ao longo do curso, faça sol faça chuva, trocamos apoios para atingir a meta almejada. Ao Mano Alfino Jalane pelo seu apoio e contributo nos estudos, ao Pedro Francisco que foi participante activo nos meus estudos contribuindo sempre que possível nos meus estudos, à Márcia Pelembe minha Madrinha que sempre me apoiou para manter o foco no trabalho, à princesa Ângela Eduardo pela sua contribuição, paciência que teve comigo, sacrificando parte de seu tempo para atender assuntos do meu trabalho. Aos Manos Emídio, Elísio, José, Cândido pelas suas orações para a realização dos meus sonhos.

EPIGRAFE

“O autismo é parte deste mundo, não um mundo a parte”
(Caidi, 2022)

LISTA DE ABREVIATURAS

AMA	Associação Moçambicana de Autismo
ABA	Análise do comportamento Aplicado (Applied Behavior Analysis)
BR	Boletim da República
CDC	Convenção sobre os direitos da criança
CRM	Constituição da República de Moçambique
DEA	Distúrbio do espectro autista
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
DSM-5	Diagnostic and Statistical of Mental Disorders
MISAU	Ministério da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OMS	Organização Mundial da Saúde
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAS	Plano Nacional de Acção Social
PEA	Perturbação do Espectro Autista
PNACII	Plano Nacional de Acção para as Crianças (2013-2019)
PNAD II	Plano Nacional de Acção para Área de Deficiência 2012-2019
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TPC	Trabalho Para Casa
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

RESUMO

O presente estudo debruça-se sobre a Importância do Apoio Familiar na Inserção e Acompanhamento Escolar de Crianças com Autismo na Cidade de Xai-Xai, num período de pesquisa de 2021-2023. O principal objectivo da pesquisa é analisar como o apoio familiar impacta a educação de crianças autistas. A metodologia utilizada é a abordagem qualitativa, com entrevistas semiestruturadas e observação directa direccionada a oito famílias com crianças autistas. O texto ressalta a relevância do apoio familiar na educação de crianças com autismo, Se, em Moçambique, constitucionalmente a educação é um direito de todas as crianças, a inserção deste grupo específico nas escolas é vista como uma oportunidade para melhorar suas habilidades de interacção social, uma vez que a falta de interacção é uma característica comum do autismo. Neste contexto, as famílias desempenham um papel fundamental no acompanhamento escolar de seus filhos já diagnosticados, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades e competências. Os resultados da pesquisa indicam que as famílias estão empenhadas em proporcionar o bem-estar de seus filhos autistas e garantir seu direito à educação escolar, defendendo os seus direitos. Um outro achado importante destaca a necessidade de se impulsionar mais a parceria entre famílias e escolas para melhorar a inclusão e o progresso das visadas, enquanto actores sociais sub-representados. Na prática, ficou vincada a importância da inserção social e no ambiente escolar para a satisfação das necessidades educativas especiais dessas crianças. Finalmente, e em jeito de recomendação, poderiam ser realizadas pesquisas adicionais para avaliar a eficácia do apoio familiar na educação de crianças com autismo e o impacto a longo prazo dessas intervenções, no desenvolvimento e na qualidade de vida dessas crianças.

Palavras-chave: Autismo, Criança, Família, Inserção Escolar, Acompanhamento Escolar.

ABSTRACT

The present study addresses the importance of family support in the school insertion and monitoring of children with autism in the city of Xai-Xai, with a research period of 2021-2023. The main objective of the research is to analyze how family support impacts the education of autistic children. The methodology used is a qualitative approach, with semi-structured interviews and direct observation aimed at eight families with autistic children. The text highlights the relevance of family support in the education of children with autism, highlighting that, according to the Constitution of the Mozambican Republic, education is a right for all children. The inclusion of these children in schools is seen as an opportunity to improve their social interaction skills, since the lack of interaction is a common characteristic of autism. Furthermore, families play a fundamental role in the ongoing school support of their autistic children, gradually contributing to the development of their skills and competencies. The survey results indicate that families are committed to providing the well-being of their autistic children and guaranteeing their right to education. The important research findings highlight the need for an effective partnership between families and schools to improve the inclusion and development of autistic children. The study highlights the importance of social interaction and the school environment in promoting the well-being of these children. As future studies, additional research could be conducted to evaluate the effectiveness of family support programs in educating children with autism, as well as the long-term impact of these interventions on the development and quality of life of these children.

Keywords: Autism, Child, Family, school insertion, school monitoring.

Índice

DECLARAÇÃO DE HONRA	iv
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS	vi
EPIGRAFE.....	ivii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
RESUMO	vix
ABSTRACT.....	vii
INTRODUÇÃO.....	1
Problema	2
Pergunta de Partida	5
Hipóteses.....	5
Justificativa	5
Geral:.....	6
Específicos:	6
Estrutura do trabalho.....	7
CAPITULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	8
1.1. Enquadramento Teórico	8
1.2. Enquadramento Conceptual	10
1.2.1. Autismo	11
1.2.2. Realidade moçambicana no Tocante a Pessoa com Deficiência	12
1.2.8 Inclusão Escolar.....	16
1.2.9 O Papel do Assistente Social na Intervenção junto a Criança Autista	16
CAPITULO II- APRESENTAÇÃO DO PLANO DE INTERVENÇÃO	19
2.1 Visitas Institucionais	19
2.2 Visitas Domiciliárias	21
2.3 Entrevista às Famílias de Crianças Autistas.....	21
2.4 Sensibilização das Famílias que não Realizam o Acompanhamento Escolar.....	22
CAPITULO III: METODOLOGIA.....	23
3.1. Natureza da Pesquisa.....	23

3.2. Tipo de Pesquisa.....	23
3.3. Método de Pesquisa.....	24
3.4. Instrumentos de Recolha de Dados	25
3.4.1. Técnicas de Pesquisa	25
3.5. Análise e Tratamento de Dados	26
3.6. Questões de Ética na Pesquisa	27
CAPITULO IV- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	28
4.1. Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados	28
4.2. Direito á Escola “O Processo de Inserção Escolar da Criança com Autismo”	29
4.3. Experiência Escolar da Criança Autista e seu Acompanhamento.....	38
4.4. Comunicação com a Escola.....	48
CONCLUSÃO	53
COSTRANGIMENTOS DA PESQUISA	54
SUGESTÕES.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
APÊNDICES 1	65
ANEXOS 1.....	68

INTRODUÇÃO

A presente monografia resulta de uma pesquisa em torno da temática sobre a “Análise da Importância do Apoio Familiar na Inserção e Acompanhamento Escolar de Crianças com Autismo: Cidade de Xai-Xai 2021-2023” a mesma, busca analisar a importância que a família tem no apoio das crianças com autismo no âmbito da inserção e acompanhamento escolar.

De acordo com o estabelecido na Lei n.º 1/2018, de 12 de Junho Constituição da República de Moçambique no número 1 do artigo 88: nos remete a educação, que esta constitui um direito e dever de cada cidadão; 2 do mesmo artigo: o Estado promove a extensão da educação a formação profissional contínua e a igualdade de acesso de todos os cidadãos ao gozo deste direito. Portanto, a criança autista é também sujeito de direitos e deve ter acesso à educação como qualquer outro cidadão, assim sendo, a família encontra-se no dever de promover o direito à educação às crianças com autismo e mais do que a realização da inserção escolar é necessário que a família seja participativa, realizando um acompanhamento contínuo da criança de modo a permiti-la gozo de uma educação eficiente para o seu desenvolvimento intelectual. A cartilha sobre Direitos das Pessoas com Autismo da Defensoria Pública de Estado de São Paulo (2011) descreve o autismo como Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança, que tem complexas consequências como dificuldades adaptativas que aparecem antes dos três anos de idade, e que podem ser percebidas ainda nos primeiros meses de vida.

Nesse Contexto, Cunha (2015, p. 23) citado por Santos e Vieira (2017), descreve que utilizar o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) possibilita a compreensão de diversos níveis de transtorno, entre leve, moderado e severo. Mas acredita-se, que a existência de um apoio familiar na inserção e acompanhamento na escola, crianças com autismo desenvolvem com facilidade suas habilidades, buscam ampliar seus horizontes interactivos e ganham uma autonomia através de diferentes estímulos que captam no seio da família e em outros ambientes como o caso da escola.

Quando a família toma consciência do diagnóstico exacto da criança, neste caso o nível de suporte do Autismo que a criança tem e aceita a situação da criança, consequentemente abre espaço para uma interacção mais eficiente, e um grande avanço na medida em que se trabalha com a criança em pontos já identificados do tipo de nível de autismo que a afecta, e o apoio

familiar influencia positivamente no bem-estar da família e tráz ganhos para criança melhorando suas potencialidades.

Após as considerações iniciais, partimos à busca do tema, começando por recordar que a questão da inserção e acompanhamento escolar de crianças diagnosticadas contendo autismo não está isolada do contexto de materialização contínua dos direitos das crianças.

Segundo o Plano Nacional de Acção para Área de Deficiência II 2012-2019 (PNAD II), publicado pelo governo de Moçambique, apela claramente para a educação inclusiva como uma estratégia de educação de pessoas com deficiência em todos os níveis e subsistemas do sistema educativo, tanto para crianças e para jovens e adultos.

Na perspectiva de Costa (2018 p. 24), é muito importante que uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) esteja inserida dentro de um contexto escolar, principalmente pela questão de interacção social, porque quando se fala em autismo uma das características está relacionada com a dificuldade da criança ter uma troca com o outro, a questão do contacto visual, a questão de perceber a outra pessoa como parceiro para brincar.

Problema

Para os autores Santos e Vieira (2017), afirmam que as manifestações e do transtorno são percebidos na rotina das crianças, como a dificuldade da comunicação e linguagem, atraso na linguagem oral, pouca ou nenhuma interacção social (falta de reciprocidade, dificuldade em socialização e comprometimento no contacto com o próximo) e o *déficit* comportamental.

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno caracterizado pelo comprometimento de muitas habilidades da criança, com prevalência desse em habilidades de interacção social, comunicação, comportamento, assim como pelo interesse apresentado em actividades com padrões restritos e repetitivos, o que gera grandes mudanças na dinâmica familiar após o diagnóstico. O enfrentamento por parte da família das crianças com TEA é difícil e penoso pois essas apresentam diferenças no desenvolvimento que interferem directamente nos desempenhos social e educacional (McAuliffe et al., 2019, citado por Cabral, Falcke, & Marin, 2021).

A inserção de crianças autistas nas escolas é de extrema importância visto que todas as crianças gozam dos mesmos direitos, e o direito a educação é um direito fundamental e direcionado a todas as crianças, sem exceção.

Segundo Gomes e Mendes (2010 p. 34), referem que os professores apresentaram dificuldade, especialmente de entendimento do diagnóstico, pois há diversos termos usados pelos especialistas para especificar o transtorno, decorrentes da diversidade de características descritas na literatura.

É nessa mesma linha que, Cabral, Falcke e Marin (2021 p. 22), arrolam que, as dificuldades apresentadas pelos pais e professores frente ao processo de inclusão decorrem, muitas vezes, da dificuldade de entendimento das características da criança com TEA. Em busca da inserção escolar desse grupo, as famílias enfrentam enormes dificuldades visto que esse grupo carrega especificidades comportamentais, a dificuldade na comunicação, interação e na aprendizagem o que de alguma forma coloca a família numa situação desafiadora na promoção do direito a escola devido a esse transtorno.

Segundo Monhol et al. (2021 P. 22), ressalta que no momento que é descoberto o TEA, as famílias têm como maior dificuldade, lidar com o comprometimento na comunicação, com a falta de compreensão na fala da criança, é causada uma acentuada frustração e angústia materna.

Alguns factores influenciam a adaptação das famílias como: a falta de apoio social, despreparo nos serviços pré-escolares, pouco acesso e dificuldades a serviços de saúde, dificuldade em identificar aspectos positivos, falta de interação familiar e problemas relacionados à doença, além disso, na maioria dos casos as mesmas dedicam-se integralmente seu dia ao filho, por isso elas não podem trabalhar fora ou exercer outra actividade, oferecendo todo cuidado necessário (Ministério da Saúde Brasília, 2000).

De acordo com White et al. (2012, P. 54), após análise qualitativa de 157 depoimentos de pais, identificaram que os principais estressores enfrentados pelas famílias estavam relacionados as características do TEA, como o comportamento desafiador da criança, e aos serviços inadequados, devido a deficiência de profissionais especializados na área da educação e da saúde para acompanhá-los. Acrescentar que, casos de autismo geram situação de frustração nas famílias pelas limitações que a criança apresenta em comparação com crianças sem autismo, estes indícios, demonstram, sem dúvida, um despreparo e uma carência

de conhecimento da causa no seio da sociedade moçambicana e mecanismos de trabalhar com a causa com vista a promover os direitos desse grupo alvo de forma eficiente.

E na medida em que as famílias focam nas limitações das crianças e em suas próprias angústias devido a essa realidade de alguma maneira afectam negativamente o desenvolvimento destas crianças.

Os estudos de Schmidt (2004), mostram que um dos factores associados ao estresse de pais de pessoas com autismo diz respeito à percepção de atitudes sociais de preconceito para com seu filho. Estas são descritas como ocorrendo mais frequentemente em ambientes sociais, externos ao familiar, como seria o caso das escolas. Algumas famílias com membro autista por conta dos rótulos que captam do mundo a fora, desenvolvem um stress e ficam desmotivadas no exercício do seu papel de inserir as crianças nas escolas preferindo tranca-las em casa não permitindo que se envolvam em outros ambientes.

Outras famílias buscam inserir as crianças nas escolas realizando todo o processo das matrículas, mas não realizam um acompanhamento contínuo como se a responsabilidade de educar fosse apenas da escola e a família não fizesse parte do processo.

Em relação às adaptações que são necessárias para atender alunos com autismo, importa salientar que Moçambique não dispõe de legislação ou políticas específicas para atendimento de crianças com autismo, mas, para reconhecimento das demandas e direitos destes, se promove uma educação inclusiva. Por exemplo, a Lei 6/1992, de 6 de maio, Lei do Sistema Nacional da Educação, sublinha que a educação é um direito e dever de todos os cidadãos e destaca a necessidade de integração dos alunos com deficiência dentro das escolas regulares (Silva, 2020, p. 123).

Plano Nacional de Acção para Deficiência (PNAD), é um documento estratégico que estabelece as ações prioritárias para a área de deficiência, e a Política de Acção Social, estabelece as linhas gerais da política e estratégia do Governo, sobre as questões da Acção Social do país, as quais incluem questões ligadas à deficiência e à criança no geral.

Os instrumentos legais sobre a educação inclusiva asseguraram que a pessoa com deficiência tenha seus direitos assegurados, como o acesso à educação, a permanência e o atendimento especializado que lhe garanta uma educação eficiente e de qualidade.

A cidade de Xai-Xai em estudo localiza-se no sul de Moçambique e é a segunda província depois da Província capital do País (Maputo), durante o período de 2021 à 2023 é essencial investigar como o apoio familiar é percebido e vivenciado pelas famílias, analisando seu impacto na adaptação e progresso académico e social dos alunos com autismo. A qualidade do apoio fornecido, a participação dos pais nas actividades escolares, a comunicação entre a família e escola, e o envolvimento dos pais no progresso educacional são alguns aspectos relevantes que precisam ser explorados.

Pergunta de Partida

Partindo do problema acima referenciado, levantou-se a seguinte pergunta de partida: *De que maneira o apoio familiar influencia na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo?*

Hipóteses

Para responder a pergunta de pesquisa ora colocada, foram levantadas as seguintes hipóteses:

H1: As famílias têm noção do papel importante que têm na promoção dos direitos das crianças principalmente o direito à educação, buscando apoiar, da melhor forma possível as crianças com autismo na inserção escolar e acompanhando-as no seu desenvolvimento.

H2: Algumas famílias por diversificados motivos não fazem o acompanhamento escolar pleno das suas crianças com Autismo diagnosticado, o que tem impactos negativos no seu desenvolvimento e influencia para que sofram de preconceitos e discriminação na sociedade, com enfoque para o ambiente escolar.

Justificativa

Um conjunto de motivos de índole pessoal e outros essencialmente sociais inspirados da literatura influenciaram na escolha do tema, como a seguir:

Motivação pessoal: a participação na Embaixada do Brasil em Moçambique num seminário sobre Autismo em Setembro de 2019 suscitou o desejo de desenvolver uma pesquisa sobre o assunto;

Ao nível social: essa pesquisa é de maior contribuição no sentido de despertar a sociedade para conscientização sobre essa realidade social visto que o autismo é pouco conhecido e por falta de informação as crianças com autismo vem sofrendo de preconceito e discriminação na sociedade;

Ao nível acadêmico: o estudo revela-se importante após nos deparado com a carência de oferta bibliográfica, materiais e pesquisas sociais relacionadas a temática de autismo elaborados no país dado que chamou à nossa atenção. Basta notar que, em outras paragens do mundo, como é o caso do Brasil, paralelamente à divulgação de estudos, o Estado e Governo trabalharam afincadamente na criação e reformulação de leis (exemplo a Lei Berenice Piana nº 12.764, de 27 de Dezembro de 2012, esta lei brasileira institui a Política de Protecção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece suas directrizes) para atender as necessidades de crianças (alunos) com autismo no sentido de promoção de uma educação inclusiva nessa senda, trata-se de um estudo que contribuirá positivamente nos dados de pesquisas sociais no país relacionados a temática de autismo, tomando em consideração a identificação da característica da dificuldade na comunicação com autismo, aspectos da interacção social torna-se importante a realização de uma pesquisa para aferir como vem sendo realizado o processo de inserção e acompanhamento escolar desse grupo pela família.

Objectivos

Geral:

Analisar a importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo.

Específicos:

- ❖ Descrever as experiências que cada família tem no processo de inserção e acompanhamento escolar das crianças diagnosticadas com autismo;
- ❖ Verificar as possíveis alternativas que as famílias usam para responder as demandas das crianças com autismo após a inserção nas escolas;
- ❖ Identificar os dilemas enfrentados entre família e escola na promoção do direito á educação da criança com autismo;

Estrutura do trabalho

Em termos de estrutura, este trabalho possui como elementos textuais os seguintes:

Introdução: Na primeira secção do presente trabalho apresenta-se a introdução que se debruça em torno da contextualização do tema, problematização, pergunta de partida, hipóteses, justificativa e objectivos do trabalho.

Capítulo I : No primeiro capítulo aborda-se sobre o enquadramento teórico e conceptual onde apresenta a teoria que alicerça o tema e os conceitos operacionais.

Capítulo I I : No segundo capítulo descreve sobre o plano de intervenção das actividades desenvolvidas no âmbito da pesquisa.

Capítulo III: Caracteriza os procedimentos metodológicos da investigação, trata-se da natureza da pesquisa, população e amostra, instrumentos de colecta de dados.

Capítulo IV: O quarto capítulo faz a menção sobre a análise e interpretação dos dados para melhor compreender os resultados da pesquisa feita no campo de intervenção.

Conclusão: A parte conclusiva apresenta a finalidade do trabalho, os resultados alcançados, os objectivos concretizados, as hipóteses validadas, referências bibliográficas, apêndices e anexos.

CAPITULO I- ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Este capítulo apresenta o quadro teórico e conceptual assente em trabalhos científicos produzidos por diversos autores meramente internacionais que versam sobre o tema em apreço e outros afins, o que serviu para compreendê-lo com maior profundidade. Na mesma esteira, socorreu-se a diversos teóricos para destringir o sentido dos termos adoptados neste estudo, a saber: Autismo, Criança, Família, Inserção e Acompanhamento escolar.

1.1.Enquadramento Teórico

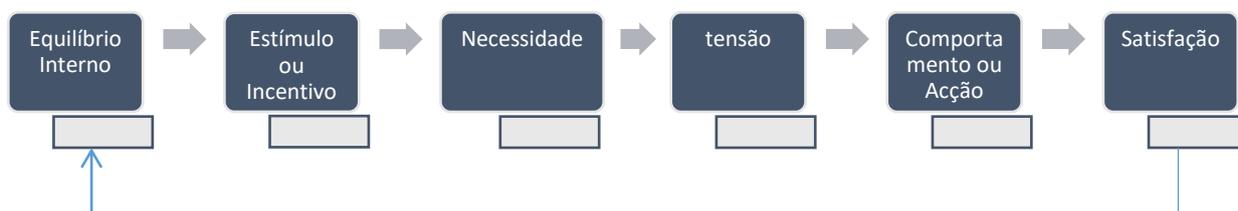
A profissão do Serviço Social desde a sua emergência até os dias atuais tem sido alicerçada por várias correntes teóricas. Essas correntes teóricas fortalecem a base empírica e científica no contexto profissional do Assistente Social. Entretanto, em conformidade com Marconi e Lakatos (2003, p. 145), é preciso que exista um modelo teórico ou uma teoria de base que permita a interpretação dos significados das informações, dos dados e fatos lidos ou observados no campo durante uma pesquisa. Na área de Serviço Social, a realidade não é diferente.

Para alcançar objectivos dessa natureza é sempre aconselhável o seguimento de teorias próprias ou de linhas de pensamento científico reconhecidas que possam assegurar a validação da pesquisa ou generalização dos resultados. O Serviço Social é uma área que não dispõe de suas próprias teorias e, muitas vezes, para ajudar na percepção de eventos sociais, a literatura sociológica tem sido um dos alcérceres, sem descurar peso de outras disciplinas das ciências sociais e humanas.

Nesta sequência, para efeitos deste trabalho, optamos por seguir a Teoria Funcionalista à Luz do Antropólogo Malinowski (1967, p. 52), visto que o raciocínio básico do funcionalismo para esse antropólogo é de que, os homens têm necessidades contínuas como uma consequência de sua composição biológica e psíquica, assim sendo, essas necessidades básicas requerem formações/instituições sociais que satisfaçam efectivamente tais necessidades. Para Chiavenato (2009, p. 51) “Toda a vez que surge uma necessidade, esta rompe o estado de equilíbrio do organismo, causando um estado de tensão, insatisfação, desconforto e desequilíbrio.”

Em termos práticos, a actividade social e cultural também se revelam como uma resposta às necessidades, partindo desses lugares de funcionalidade ou daquilo que Chiavenato apelida de ciclo motivacional tal como ilustra a figura.

Figura : Etapas do Ciclo Motivacional segundo Chiavenato



Fonte: Adaptado de Chiavenato (2009, p. 87)

Segundo o mesmo autor, uma vez satisfeita, a necessidade deixa de ser motivadora de comportamento, já que a tensão ou o desconforto desaparecem. Daí por que o enfoque funcionalista leva a admitir que formações sociais desempenham funções e são indispensáveis, na hora de assumir responsabilidades. Na visão de Minatel e Matsukura (2015, p. 437), “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, actuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social”.

A teoria escolhida constatou-se ser a ideal para a interpretação e compreensão do objecto em análise, uma vez que se pretende analisar a importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças autistas. Sendo que com a visão do Malinowski, Crianças autistas nesse entendimento, tem suas necessidades contínuas como uma consequência da sua composição biológica e psíquica e conseqüentemente é preciso que haja um total apoio da criança com autismo para que sejam satisfeitas suas necessidades, a família como meio de contacto e socialização da criança precisa estar preparada para atender as demandas da criança autista e o exercício de inserir a criança em uma escola é uma excelente acção que coloca a família no desempenho de uma função e que juntamente com escola poderá trazer resultados positivos através da cooperação a ser realizada em ambas instituições (família e escola). Santos (2015 p. 56), Tanto a escola quanto a família cumprem papéis de suma importância no desenvolvimento do indivíduo e a parceria entre ambas as instituições surge como construção para que a formação desse indivíduo se cumpra de forma integral.

Também se aplicou a teoria Interacionista do Desenvolvimento defendida por Vygotsky (1987), como uma teoria complementar na Pesquisa, entretanto, a Teoria Interacionista do desenvolvimento postula que o desenvolvimento social e emocional das crianças é influenciado pela interação com os membros da família. Portanto, defende a idéia de uma

contínua interação entre as variáveis condições sociais e a base biológica do comportamento humano.

Segundo Parolin (2006, p. 78), é na interação com o outro que as necessidades do ser humano tendem a ser satisfeitas, necessidades que implicam sua sobrevivência física e psíquica. No caso das crianças com autismo, o apoio familiar adequado pode promover a comunicação, a interação social e o desenvolvimento das habilidades necessárias para a sua inserção na sociedade.

A teoria interacionista do desenvolvimento surge a partir de estudos e observações sobre o desenvolvimento humano, destacando a importância das interações sociais na formação das habilidades sociais e emocionais das crianças. A teoria se baseia em abordagens psicológicas e sociológicas para compreender como as interações sociais influenciam o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais.

No entanto, a teoria interacionista de desenvolvimento tem uma relação importante com o Serviço Social, pois essa abordagem teórica reconhece a importância das relações sociais na vida das crianças e como elas influenciam seu bem-estar e desenvolvimento. Através do apoio adequado baseado na teoria interacionista do desenvolvimento, as crianças com autismo podem desenvolver habilidades sociais, como comunicação, interação e participação em atividades sociais. Ao promover uma compreensão maior do autismo e incentivar interações sociais positivas, a teoria contribui para a inclusão social das crianças com autismo na cidade de Xai-Xai, proporcionando-lhes oportunidades de participar plenamente na vida comunitária e na redução de preconceitos e discriminação.

1.2. Enquadramento Conceptual

É sempre imperioso em qualquer elaboração do trabalho científico operacionalizar os conceitos chave que identificam e caracterizam o tema para melhor perceber e analisar os mesmos em diferentes perspectivas conceptuais. Porém, o presente trabalho não foge da regra. Assim sendo, o presente subcapítulo inclinar-se-á em volta da operacionalização dos conceitos chave a saber: Autismo e sua breve contextualização, importando trazer igualmente a realidade moçambicana no tocante a pessoa com deficiência, Criança e Aluno autista, Família, Família com filhos Autistas, Inclusão Escolar, tratando-se de uma pesquisa na área do Serviço Social foi pertinente trazer o papel do assistente social na intervenção junto a criança autista.

1.2.1. Autismo

O termo autismo, de acordo com Marques (2000, p. 32), é derivado da palavra grega “autos” que significa “de si mesmo” e o sufixo “ismo” que significa “orientação ou estado”. Com isso, o termo em seu sentido lato pode trazer o significado de um estado de alguém que aparenta estar alheio ou inconsciente ao meio no qual está inserido, estando voltado apenas para si mesmo.

Na literatura encontram-se diversas definições para o conceito de “Autismo” por conta de várias linhas de pensamento científico. Para os objectivos desta monografia, aproximamo-nos da definição de Mello (2007, p. 16) para quem o autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do desenvolvimento que leva a comprometimentos na comunicação e interacção social, englobando comportamentos restritivos e repetitivos “Autismo é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interacção social e no uso da imaginação.”

Em seu livro, Mello apresenta alguns sintomas que são fundamentais para identificar uma criança com autismo: Usa as pessoas como ferramenta, resiste à mudança de rotina, não se mistura com outras crianças, não mantém contacto visual, age como se fosse surdo, resiste ao aprendizado, apresenta apego não apropriado a objectos, não demonstra medo de perigos, gira objectos de maneira bizarra e peculiar, apresenta risos e movimentos não apropriados, resiste ao contacto físico, acentuada hiperatividade física, às vezes é agressivo e destrutivo, apresenta modo e comportamento indiferente e arredo (Mello, 2007, p.72).

O autismo não tem cura. Entretanto, por toda via com o diagnóstico precoce, bem como o tratamento com fonoaudiólogo, terapia, medicamentos, grupos sociais e dinâmicos, e principalmente, o apoio familiar, é possível levar uma vida saudável e com uma maior qualidade (Gomes, 2016).

Segundo Brito (2015, p. 82), “o autismo foi descoberto e descrito pela primeira vez pelo psiquiatra infantil Leo kanner em 1943 nos EUA, é definido como síndrome, por possuir sintomas e características comportamentais específicas em sujeitos afectados por ela. O autismo é também denominado como transtorno do Espectro Autista (TEA), podendo variar de leve ao mais severo, suas características principais são o isolamento social do sujeito, sua incapacidade verbal, ou seja, atraso na fala e comportamentos estereotipados”.

Segundo França e Oliveira (2022, p. 77), sobre os termos de gravidade, a princípio era usado apenas leve, moderado e grave. Atualmente foi modificado para o TEA como Nível 1, 2 e 3, baseado nos níveis de apoio e intervenção que as pessoas com autismo precisam receber. Conforme os níveis vão aumentando, vai se agravando mais os sintomas, e conseqüentemente, aumenta mais o apoio para com as pessoas que têm o TEA. Veja como funcionam os níveis:

"No nível 01, as crianças necessitam de pouco auxílio, de intervenção terapêutica, e na maioria das vezes conseguem aprender e utilizar os recursos. Um dos sintomas que mais apresentam nesse nível, é quando acontece uma mudança repentina na rotina da criança. Já no nível 02, as crianças necessitam de mais apoio e intervenção terapêutica, pois nesse nível acontece um número maior de déficits em relação a interação social. E por último nível 03, a situação fica mais delicada em relação aos níveis anteriores. A criança precisa de apoio intenso, pois a comunicação verbal e não-verbal é bem difícil de acontecer, suas interações com as demais crianças são bem limitadas e bem difíceis de acontecer. Esse seria o nível que apresenta sintomas mais graves nas crianças" (França & Oliveira, 2022).

A Organização Mundial da Saúde (2013, p. 25) estimou que 1 em cada 160 indivíduos apresentou algum quadro de transtorno do espectro autista, representando 1% da população mundial, o que equivale a 70 milhões de pessoas com tal diagnóstico. No entanto, Moçambique não apresentou dados oficiais quanto à prevalência e número de pessoas diagnosticadas.

1.2.2. Realidade Moçambicana no Tocante a Pessoa com Deficiência

Segundo a Resolução nº 46/2017 Política de Acção Social (PAS)

A pessoa com deficiência encontra-se inserida no número 6 c) sendo um dos grupos alvo prioritários da PAS em Moçambique. Quanto a situação actual de pessoa com deficiência encontram-se persistência de actos de discriminação e exclusão social de pessoas com deficiência no seio da família, na comunidade, no ambiente escolar e profissional. Fraca abrangência do ensino inclusivo nas escolas devido a escassez de professores qualificados e equipamentos adequados para alunos com necessidades especiais. As medidas de intervenção traçadas na PAS para responder às situações acima são: promover e formular, programas de educação para mudança de atitudes negativas para pessoas com deficiência; Adotar medidas para expansão do ensino inclusivo.

Segundo Guebert e Rodrigues (2021, p. 87), Moçambique, como subscritor das estratégias internacionais de inclusão, é chamado a criar condições para que todas as pessoas se sintam

livres de qualquer forma de discriminação, por meio da promoção de atitudes e valores fundamentais como o respeito às diferenças e diversidades, o acolhimento e a promoção dos direitos dos cidadãos, especialmente no que concerne ao direito social de educação para todos.

No n.º 1 do artigo 5 da Lei n.º 8/91, de 18 de Julho conjugado com o artigo 1 do Decreto n.º 21/91, de 3 de Outubro, vai reconhecida como pessoa jurídica a Associação Moçambicana de Autismo – AMA. Que se encontra legalmente inscrita na III série número 99 do Boletim da República (BR) e tem como objectivos b) Criar oportunidades para as pessoas com autismo, no que diz respeito a espaços de convivência, por meio de actividades recreativas, educacionais, culturais, desportivas e de lazer; c) Habilitar a pessoa com autismo ao convívio social por meio de actividades de desempenho funcional e programas educacionais especializados.

1.2.3 Criança e Aluno Autista

Criança segundo Piaget (1975, P. 23), é um ser em desenvolvimento, que passa por estágios cognitivos distintos à medida que adquire conhecimento e compreensão sobre o mundo.

Aluno Autista

O aluno autista tem dificuldades na aprendizagem e para compreender o que realmente o professor quer, uma vez que muda de foco ligeiramente e se concentra em estímulos que geralmente são visuais e sonoros. Para melhorar o aproveitamento em sala de aula, a redução desses estímulos é essencial, pois o estudante autista consegue captar sons que podem ser imperceptíveis para professor. As cortinas nas janelas e a falta de decoração podem ajudar bastante (Braga, 2010).

A Declaração de Salamanca 1994, aponta no seu n.º 2:

- ❖ Cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem;
- ❖ Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;
- ❖ Os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades;

- ❖ As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.

Na visão de Braga (2010), a escola deve propiciar aos alunos com necessidades educacionais especiais o convívio social com outros alunos da mesma faixa etária, estimulando sua interação e diminuindo seu isolamento. Para isso, é necessário respeito às especificidades da criança autista.

1.2.4 Família

De acordo com Silva & Dessen (2001, p. 45), a família constitui o primeiro universo de relacionamento social, e pode, portanto, oferecer aos seus um ambiente de desenvolvimento e crescimento. Sua influência é permeada pela comunicação, tanto verbal, quanto não-verbal. A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar (Sousa & Filho, 2008 p. 66).

1.2.5 Famílias com Filhos Autistas

No caso de familiares, Lopes (2018) citado por Shaw (2021, p. 78), refere a importância de que eles estejam abertos à aprendizagem, respeitando limites e expectativas dos adolescentes, dando-lhes autonomia e capacidade de fazerem escolhas. Dado que cada autista possui características próprias, é preciso que a família desenvolva flexibilidade para aprender com essas especificidades.

De acordo com Nascimento (2017, p. 112), o cuidado com a criança autista deve ser compartilhado entre a família e a escola e deve auxiliar na redução de sintomas do TEA e no desenvolvimento da autonomia da criança. Concordando com o autor, quando a família e a escola entram numa colaboração havendo auxílio entre ambas partes é possível se observar redução das manifestações do autismo o que promoverá um desenvolvimento da autonomia na criança, pois, através das actividades e estímulos que a família e a escola irão proporcionar permitirá um avanço na criança no desenvolvimento de suas habilidades.

1.2.6 Papel da Família no Desenvolvimento das Crianças com Autismo

De acordo com Almeida (2016, p. 42), a família é uma instituição que contribui para o trabalho realizado junto aos estudantes, nesse sentido, faz-se acompanhamento e se observa sua constituição. Portanto, a família tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, a sua participação ativa na vida dos filhos influencia no processo de aprendizagem. Quando há existência de acompanhamento das atividades realizadas pelas crianças é possível entender como essas aprendem, e assim pensarem maneiras de auxiliá-las.

Neste contexto, para Correia (2013, p. 65), é de maior importância o envolvimento parental das famílias com crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), uma vez que estes exigem uma maior continuidade entre a instituição escolar e a instituição familiar.

Dessem e Polónia (2007, p. 112) referem que a colaboração entre escola e família é essencial para estruturar atividades apropriadas à classe do aluno, particularmente se tratando da participação dos pais no seu acompanhamento.

De acordo com Almeida (2016, p. 78), a família tem um papel determinante no desenvolvimento das crianças autistas cooperando de modo específico, fornecendo subsídios sobre as diversas formas de comunicação da criança.

É nesse contexto que Costa (2018, p. 95) refere que a importância que a família tem na participação escolar da criança está relacionada na contribuição da formação do desenvolvimento educacional do filho. A família precisa mostrar interesse, valorizar o que o aluno produz.

1.2.7 As Principais Dificuldades enfrentadas pela Família Frente ao Autismo

Na visão de Cavalcante (1998 p. 28), as limitações na vida de uma pessoa com esta condição podem se manifestar de formas diferentes e com intensidade também variada. Alguns podem apresentar dificuldades de aprendizagem em diversas etapas da vida, desde estudar na escola até aprender atividades na vida diária, como tomar banho e alimentar-se sozinho.

Os gatilhos mais comuns são uma variedade de preocupações relacionadas à experiência e ao cuidado da criança com TEA, a saber: o comportamento inadequado e imprevisível da criança; problemas ligados ao relacionamento social e dos pais com a criança; o processo de diagnóstico; a falta de conhecimento e informação sobre TEA; a sobrecarga de cuidados em

relação às necessidades da criança; preocupações com o futuro e a educação da criança; falta e demanda por vários recursos e apoio social; má aceitação da criança com TEA pela família e pela comunidade; e necessidades não atendidas (Bentez et al., 2017, citado por Campos, Silva, Amorim, & Faria, 2024).

Para Santos (2016 p. 97), outro fator que afeta diretamente a adaptação da família ao diagnóstico são as características peculiares de comportamento e comunicação das crianças autistas. Os padrões incomuns de comportamento, as estereotípias, as rotinas e os interesses restritos podem afetar todo o sistema familiar. Fazendo uma leitura pormenorizada em Santos (2016), pode-se constatar que certos comportamentos podem ser difíceis de gerir, especialmente em situações de exposição social, o que gera um estresse maior para a família, dificultando o processo de adaptação.

1.2.8 Inclusão Escolar

Segundo Almeida (2016, p. 72), a matrícula da criança com autismo na escola pode trazer alterações no seio familiar, na medida em que a criança está frequentando mais um grupo social e tendo a oportunidade de conviver com outras crianças.

Segundo Costa (2018, p. 34), é muito importante que uma criança com transtorno do espectro autista - TEA esteja inserida dentro de um contexto escolar, principalmente pela questão de interação social, porque quando se fala em autismo uma das características está relacionada com a dificuldade da criança ter uma troca com o outro, a questão do contato visual, a questão de perceber a outra pessoa como parceiro para brincar.

Segundo Mendonça (2021), a inclusão escolar da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba também sua família, pois é onde ela teve seu primeiro contato com o outro, e também é sua rede de apoio. É o momento onde a criança começa a socializar; para crianças com TEA, esse é um processo que pode ser mais lento, sendo, no entanto, de vital importância que seja realizado de forma adequada.

Segundo Brandão (2011) afirma que a criança necessita ir além dos limites da família, deslocando-se temporariamente dos vínculos parentais construindo novas relações sem intermediação direta daqueles, objetivando a busca de uma maior autonomia e conseqüentemente conquista da estimulação da sua significação psíquica.

De acordo com Santos (2014, p. 89), a garantia ao direito à educação da criança autista é inadiável não só para a criança e sua família, mas também para a sociedade, não há meios de promoção de cidadania, igualdade e liberdade se não forem garantidos aos mais necessitados o mínimo necessário para o desenvolvimento.

De acordo com Santos (2014, p. 91), inclusão escolar é uma forma de eliminação de preconceitos, aproximando realidades diferentes e fazendo com que todos os envolvidos aprendam a conviver com as diferenças. A interação com pares é de suma importância para o desenvolvimento de qualquer criança.

Segundo Serra (2010 p. 34) afirma que a criança com TEA, quando introduzida no meio social escolar, provoca mudanças na família, por participar de outro ambiente social.

1.2.9 O Papel do Assistente Social na Intervenção junto a Criança Autista

É importante ressaltar que o Serviço Social é uma profissão comprometida em garantir os direitos das pessoas, zelando pela defesa dos direitos sociais, inclusive os direitos das pessoas com deficiência (Maciel, 2018).

Segundo Damasceno, De Almeida e Volpato (2017, p. 38), a actuação do profissional de Serviço Social, nos casos do usuário com Transtorno do Espectro Autista, tem o objectivo de desenvolver estratégias para estimular e potencializar recursos do usuário e suas famílias no processo de habilitação, reabilitação e inclusão social, oferecer possibilidades de desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades, contribuir na defesa dos direitos e estímulo à participação da pessoa com deficiência no meio social, bem como na busca de eliminação de barreiras, na luta contra o preconceito e discriminação no qual esse público é alvo.

Segundo Araújo (2019 p. 22), em busca de minimizar os problemas que o autismo provoca as autoras trazem uma abordagem de equipa multidisciplinar eminentemente importante no atendimento de casos de autismo.

Para Araújo (2019 p. 32), os pais devem ser capacitados por esses profissionais para trabalhar com a criança no âmbito domiciliar. Pesquisas recentes confirmam que famílias que receberam treinamento comportamental baseado em ABA, tiveram resultados significativamente melhores nos mais variados contextos.

O assistente social no campo da educação tem como objetivo a efetivação do aluno com deficiência, realizando o acolhimento das famílias, diminuindo assim as problemáticas vivenciadas pelos alunos, aprendendo sua realidade, pautando-se no código de Ética (Souza & Silva, 2017).

O Assistente Social tem um papel educativo embora o acesso ao ensino seja garantido por lei, na prática é uma realidade bem diferente. Nesse sentido, atua abolindo preconceitos na escola, que é um obstáculo à inclusão. Promovendo assim um ambiente mais acolhedor, que seja receptivo e com um atendimento humanizado (Muniz, 2018)

CAPITULO II- APRESENTAÇÃO DO PLANO DE INTERVENÇÃO

Segue a apresentação das acções desenvolvidas a partir da identificação do problema e a representação dos possíveis mecanismos para a resolução do mesmo tomando em consideração que o Serviço Social é uma área que atua com vista a trazer mudanças e desenvolvimento social, assim sendo, a elaboração de plano de intervenção foi imperioso pois tratou-se de um guia ilustrativo das acções levadas a cabo na realização desta pesquisa.

A apresentação deste plano de intervenção justifica-se pelo facto de se ter adoptado o método de estudo de caso que nas palavras de Goldenberg (2011), através de um mergulho profundo e exaustivo em um objecto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social.

Segundo Yin (2001) o método de estudo de caso busca estudar um objeto com maior precisão, por exemplo: a análise de casos das famílias no que concerne a sua importância no acto de inserir crianças nas escolas e no acompanhamento escolar das mesmas.

2.1 Visitas Institucionais

A visita institucional é uma técnica e um dos instrumentos técnico-operativo do serviço social. Segundo Miotto (2001, p. 54), o assistente social ao realizar um estudo social utiliza o como um instrumento para conhecer e analisar a situação vivida por determinados sujeitos ou grupo de sujeitos sociais para, ao final emitir uma opinião técnica a respeito.

Foram realizadas visitas nas seguintes instituições: Fundação Khanimambo Xai-Xai bairro de Macanwine, escolas públicas, colégios e em um jardim infantil o objectivo de conhecer funcionamento da fundação Khanimambo e os serviços que presta às crianças com autismo; nas escolas/colégios e no jardim infantil o objectivo das visitas era de buscar informações da existência de crianças com autismo, e extrair informações relativos a organização para atender alunos com autismo, de igual forma em ambas instituições buscar formas de entrar em contacto com as famílias (pais e encarregados das crianças autistas). Posteriormente fez-se o Levantamento da lista dos pais e encarregados de crianças autistas com objectivo de fazer marcação das visitas domiciliárias, esta actividade foi realizada em 20 dias, quatro dias na Fundação Khanimambo e dezasseis nas escolas\ colégios e em um jardim infantil na cidade de Xai-Xai. Os intervenientes foram, pesquisador, profissionais que trabalham com crianças com autismo na Fundação Khanimambo, direcção das escolas e colégios, jardim infantil e famílias com crianças autistas.

Fundação khanimambo

A fundação presta apoio às famílias de crianças com autismo, apoio psicossocial, financeiro para as terapias necessárias das crianças com especialistas e medicamentos, presta igualmente apoio em materiais escolares, e as crianças tem oportunidades de ter reforço escolar com os professores da Fundação, e promovem mais actividades recreativas para as crianças.

Escola primária da praia de xai-xai

A escola primária da praia de xai-xai promove a educação inclusiva, vem trabalhando com crianças com múltiplas deficiência mas deixou claro que não se encontra preparada para atender casos de crianças com esse tipo de deficiência começando por mencionar que há pouco conhecimento e reclama a falta de capacitações ou treinamentos aos professores em relação ao assunto do autismo, a professora reclamou também a falta de mesmos treinamentos, e que os subsídios da formação de professores que teve não são suficientes para lidar com crianças com esse tipo de deficiência, mas, assegurou que tem se esforçado para garantir que todas crianças aproveitem as aulas se adaptando nas metodologias que julga facilitarem a compreensão no processo de ensino e aprendizagem.

Colégio 20 de Julho

O Colegio promove a educação inclusiva e busca atender as crianças com necessidades especiais oferecendo uma educação adequada, ajudando em materiais didáticos para o aprendizado e buscam incentivar as crianças nas suas paixões. Olham as inclinações da criança e estimulam mais o seu pontencial naquilo que mais gosta sem deixar de ensinar outras matérias.

Jardim Infantil Yasmim

O jardim promove a educação inclusiva também, e dispõe de um projecto educativo “Brincar e Educar”, onde o objectivo é de reforçar a resposta lúdica para ultrapassar os obstáculos que a aprendizagem nessas idades exige, estimular a participação das crianças no seu desenvolvimento através das experiências vividas e partilhadas pela família. Mas as educadoras com crianças com autismo em suas salas deixaram dado de que não tem sido fácil lidar com crianças com autismo, principalmente as meninas afirmam serem mais problemáticas, e que cada dia é um desafio para haver entendimento nos cantinhos de aprendizagem porque facilmente choram, ou se jogam no chão, não aceitam participar nas actividades “é chato porque não temos formações para saber trabalhar melhor com elas”.

2.2 Visitas Domiciliárias

Importa salientar que visita domiciliar não é um instrumento exclusivo do serviço social, muitos são os profissionais que se utilizam da visita domiciliar para o desempenho de seu trabalho. Samaro (2014, p. 10), aponta que a visita domiciliar é uma técnica social, de natureza qualitativa, por meio da qual o profissional se debruça sobre a realidade social com a intenção de conhecê-la, descrevê-la, compreendê-la ou explicá-la. O seu diferencial em relação a outras técnicas é que tem por locus o meio social, especialmente o lugar social mais privativo e que diz respeito ao território social do sujeito: a sua casa ou local de domicílio.

Foram realizadas sete visitas em domicílios das famílias com crianças autistas indicadas pela fundação Kanimambo e pelas escolas/colégios. Com objectivo de realizar entrevistas com as famílias para colher dados em profundidade relacionados com o objecto de estudo em causa, foram visitadas sete famílias (pais e encarregados) crianças autistas, a primeira família o encontro com a mesma deu-se na Fundação Kanimambo. Intervenientes: Pesquisadora; Famílias (pais e encarregados) crianças autistas, durante 7 Dias em domicílios das famílias.

2.3 Entrevista às Famílias de Crianças Autistas.

A entrevista é muito utilizada por ser um instrumento que reúne duas ou mais pessoas, com a finalidade de compreender, constatar ou identificar uma determinada situação (Sarmiento, 2005). É por meio da entrevista que se estuda o usuário, os seus problemas e a sua personalidade. O objectivo da entrevista foi de buscar compreender e analisar as experiências das famílias em profundidade no que concerne ao processo de inserção escolar e acompanhamento das crianças com autismo com vista a avançar com o plano interventivo havendo necessidade, visto que no estudo de caso é necessário que pesquisadora esteja atenta a qualquer situação que possa surgir seja em termos teóricos sobre o objeto em estudo e assim como na realização do trabalho no campo da Pesquisa, esta actividade foi desenvolvida durante (duas) semanas, pelo pesquisador. Importa aclarar que as visitas foram 7 porque a primeira família que neste caso é a F1R8 foi entrevistada na Fundação Kanimambo.

Durante a entrevista com as famílias, constatou-se que as famílias prestam apoio a seus filhos com autismo buscando promover o direito ao acesso à escola e ainda realização de acompanhamento escolar, pese embora se tenha deparado também com algumas famílias que não realizam o acompanhamento escolar e para estas achou-se pertinente a sensibilização das

famílias para a realização de um acompanhamento escolar com vista a permitir que haja uma participação efectiva na vida académica da criança com autismo para melhorar seu desempenho visto que famílias que não realizam acompanhamento escolar durante as entrevistas notou-se que há uma fraca produtividade académica e igualmente o fraco desenvolvimento das habilidades nas próprias crianças.

Com a realização desta actividade, os pais puderam expressar as suas dificuldades tanto os que realizam acompanhamento escolar tanto as famílias que por diversos motivos não realizam o acompanhamento e fazendo aplicação das práticas do assistente social que nas suas intervenções busca trazer mudanças prosseguiu-se com a sensibilização, na qual se aclarou aos pais e encarregados sobre a importância do apoio familiar na realização de acompanhamento escolar de modo a garantir o bem-estar da criança e não só, também a garantia de alcance de um bom aproveitamento académico.

2.4 Sensibilização das Famílias que não Realizam o Acompanhamento Escolar

Para Boaventura (2004, p. 24), O estudo de caso possui uma metodologia de pesquisa classificada como aplicada, na qual se busca a aplicação prática de conhecimentos para a solução de problemas sociais. Foi pertinente a realização do acto de sensibilização das famílias que não realizam o acompanhamento escolar de seus filhos partindo do princípio de que o serviço social busca compreender uma dada realidade social, com vista a promover mudanças.

Segundo Houaiss e Villar (2001), sensibilizar é tornar (-se) sensível; comover (-se); emocionar; tornar-se emocionalmente consciente e compreensivo. Nas intervenções com as famílias que não realizam o acompanhamento escolar sentimo-nos com a obrigação de sensibilizar as famílias fazendo-as perceber o quão é importante a realização do acompanhamento escolar apresentando essa proposta de adoptar uma nova postura de forma a minimizar os resultados concernentes a produtividade académica das crianças por essa ser fraca de acordo com as evidências, provas com resultados negativos. Essa intervenção as famílias de crianças com autismo que não realizam o acompanhamento teve por objectivo conscientizar as famílias de modo a adoptar uma nova postura perante os filhos promovendo desta forma uma autonomia nas crianças e desenvolvimento de suas habilidades e competências.

CAPITULO III: METODOLOGIA

Nesta secção debruçar-se - á acerca da metodologia usada para a realização do presente trabalho de pesquisa. Segundo Gerhardt (2009, p. 54), metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência.

3.1.Natureza da Pesquisa

Quanto a abordagem, a pesquisa é qualitativa, o que, nas palavras de Richardson (2012, p. 23) pode descrever a complexidade dos problemas, interacção entre variáveis, dinâmicas vividas nos grupos sociais, para além de contribuir para a mudança nos mesmos grupos e possibilitar a compreensão das particularidades do comportamento dos indivíduos.

3.2.Tipo de Pesquisa

A realização deste estudo baseou-se nas seguintes fases, nomeadamente: revisão bibliográfica e a Pesquisa de campo nesta esteira fez-se a consulta do material publicado em livros, revistas, jornais, teses, dissertações e material electrónico. Do ponto de vista dos objectivos, aplicou-se a pesquisa descritiva. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (Trivinos, 1987, p. 71). São exemplos de pesquisa descritiva: estudo de caso, análise documental, pesquisa ex-post-facto.

Pesquisa descritiva, este tipo de pesquisa analisa, observa, registra e correlaciona aspectos (variáveis) que envolvem fatos ou fenômenos, sem manipulá-los. “As pesquisas descritivas têm como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis.” (Gil, 2002, p. 42)

Quanto à pesquisa de Campo procura o aprofundamento de uma realidade específica. Realizada por meio de observação das actividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes-chave (Gil, 2008, p. 31)

Justamente isso, ou seja, esta pesquisa objectiva analisar melhor os mecanismos usados por algumas famílias *xaixaienses*, com vista a dar suporte aos seus filhos com autismo no contexto da inserção e acompanhamento escolar.

3.3. Método de Pesquisa

Sendo o Serviço Social uma profissão que visa promover mudanças dentro da sociedade, optou-se pelo uso do método Estudo de Caso. No pano de fundo está a ideia de suscitar transformação/mudança no grupo pesquisado, onde o pesquisador é protagonista juntamente com os participantes.

Segundo Goldenberg (2011, p. 33), estudo de caso não é uma técnica específica, mas uma análise holística, a mais completa possível, que considera a unidade social estudada como um todo seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

Esta análise totalizante característica dos estudos de caso deve permitir a compreensão do objeto de pesquisa a partir da análise de variáveis que permeiam a situação analisada por completo a partir do seu contexto.

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto.

3.4 População e Amostra

Nesta etapa, é necessário delimitar o universo da pesquisa, ou seja, a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo. Segundo Richardson (1998 p. 158) citado por Matta (2007, p. 80), a amostra consiste em “qualquer subconjunto do conjunto universal ou população” onde população ou universo designa -se ao conjunto de todos os elementos que têm pelo menos uma característica em comum.

Visto assim, para a realização do presente trabalho aplicou-se a amostragem não probabilística sendo que foram aplicados critérios próprios para efectuar a escolha, aliou-se na mesma linha tipo de mostragem não probabilística por conveniência esta que permite com que o pesquisador reúna o grupo com características que interessa na pesquisa onde deve descrever estas características. Nesta senda o grupo que interessa na presente pesquisa é o seguinte: Famílias com crianças autistas.

Nesta senda, a amostra desta pesquisa é composta por 13 pessoas, com destaque para 8 (oito) famílias com um total de 9 (nove) crianças autistas, porque uma das famílias tem duas

crianças, além de 1 (uma) professora, dois Directores da escola um sendo director adjunto de uma escola pública e um director da escola privada, duas educadoras de Infância de 3º ano e 4anoº. Vale antecipar que, estes últimos cinco sujeitos da pesquisa, foram objectos de entrevistas conversacionais em forma de entrevistas informais, (Gil, 2011).

3.4.Instrumentos de Recolha de Dados

3.4.1. Técnicas de Pesquisa

Para cada modalidade de pesquisa há um método, uma técnica específica para o seu desenvolvimento. Por tratar-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, recorreremos ao uso das seguintes técnicas de recolha de dados: Entrevista especificamente a semi-estruturada, a observação directa, a visita domiciliária e o diário de campo. O primeiro passo para a realização das entrevistas foi a elaboração do guião de questões para a entrevista, que consta no presente trabalho como apêndice 1.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional (Lakatos & Marconi,2006). Para Gomes; Oliveira e Alcará (2016, p. 314) “ Entrevista trata-se de um procedimento utilizado na investigação social, coleta de dados, para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Entrevista semi-estruturada o entrevistador busca obter informações, dados e opiniões por meio de uma conversação livre, com pouca atenção ao prévio roteiro de perguntas (Martins, 2006 p. 27).

Assim sendo, esta técnica permitiu que captássemos as informações, relacionadas ao dia-a-dia das famílias com crianças autistas, suas experiências no processo de inserção escolar e acompanhamento escolar de seus filhos, percebendo de frente os dilemas enfrentados pelas famílias no processo de acompanhamento escolar desse grupo alvo.

Observação directa é uma técnica de pesquisa que consiste em observar e registar factos, comportamentos ou fenómenos tal como ocorrem, sem a utilização de instrumentos ou questionários (Marconi e Lakatos, 2009 p. 33). Esta técnica foi aplicada no âmbito de encontro familiar após a realização da visita institucional e domiciliar, onde se conseguiu observar a criança autista deste modo se confrontar o que a literatura apresenta como características de autismo com a realidade observada no campo, visto que criança autista apresenta certas características notáveis e observáveis.

Os dados colectados através dessa técnica foram analisadas juntamente com as respostas obtidas durante a conversação com Directores das escolas, educadoras de infância e das entrevistas realizadas nas famílias. Nas escolas a observação ocorreu no momento que as Direcções das escolas visitadas solicitaram as crianças autistas para apresentação das mesmas ao pesquisador, nas escolinhas decorreu uma observação das crianças autistas de forma a perceber como essas crianças se comportam enquanto se buscava nas educadoras entender como tem sido lidar com elas no ambiente da escolinha tomando em consideração a sua faixa etária e suas especificidades, por último, no momento das entrevistas às famílias, as crianças autistas igualmente encontravam-se presentes, desta forma foi possível fazer uso dessas duas técnicas em simultâneo.

Visita domiciliária: Sarmiento (1994 p. 17), aponta que a visita domiciliar deve ser compreendida como um instrumento que potencializa as possibilidades de conhecimento da realidade, na medida em que permite conhecer com o utente as suas dificuldades e tem como ponto de referência a garantia de direitos onde se exerce um papel educativo, colocando o saber técnico à disposição da reflexão sobre a qualidade de vida. Nas visitas realizadas, foi dedicada uma atenção aos relatos de cada família visitada, de forma a conhecer com profundidade sua realidade a respeito de suas experiências relativas a inserção e acompanhamento escolar das crianças.

O diário de campo consiste em uma forma de registo de observações, comentários e reflexões para uso individual do profissional e do aluno (Falkembac, 2012 p. 11). Com essa técnica fez-se o registo de todos eventos observados, características de autismo observadas em cada criança e dos comentários fornecidos pelas instituições de ensino, professores e pelas famílias.

3.5. Análise e Tratamento de Dados

Para analisar a importância que as famílias têm na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo a técnica usada para a leitura e interpretação dos dados foi a técnica de análise de conteúdo para entrevistas, que é um instrumento de análise das comunicações que estuda numericamente a frequência de ocorrência de determinados termos, expressões, e outras emoções em um texto.

Na óptica de Bardin (2009 p. 22), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de

conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Durante a colecta de dados, todas as entrevistas foram escritas no bloco de notas e eram gravadas com o celular, para que nenhuma informação fosse perdida.

Em conformidade com Bardin (Idem) as entrevistas semi-estruturadas devem ser registadas e integralmente transcritas contendo todas as manifestações dos entrevistados, sejam sorrisos, hesitações, silêncios, assim como estímulos do entrevistador. A técnica permitiu analisar o conteúdo das entrevistas semi-estruturadas realizadas às 8 (oito) famílias que representam o nosso grupo-alvo. Cada entrevista foi gravada e depois transcrita, de modo que fosse possível analisar o conteúdo de cada um dos entrevistados, os pontos convergentes e divergentes, em relação à prática de inserir criança autista em uma escola e realização de acompanhamento escolar, analisando às consequências da não existência de acompanhamento escolar na vida das crianças.

3.6. Questões de Ética na Pesquisa

Para a recolha de dados numa pesquisa, é importante observar alguns aspectos para garantir uma participação informada e ética. Como um dos aspectos éticos, fez-se o uso do consentimento informado que, segundo Sigaud (2009 p. 46), abrange informação e compreensão plena do sujeito acerca dos procedimentos a que será submetido: os riscos e os desconfortos potenciais, os benefícios e os seus direitos, bem como a livre escolha ou voluntariedade e manifestação inequívoca de vontade.

Explicou-se os objectivos da pesquisa aos participantes, levando-se em consideração a sensibilidade na qualidade de pesquisadores. Para existência de um envolvimento foi pertinente deixar o grupo pesquisado esclarecido sobre os objectivos da pesquisa, por isso clarificou-se igualmente que os dados da pesquisa seriam meramente tratados com maior sigilo.

CAPITULO IV- ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

Este capítulo é reservado à apresentação dos resultados da pesquisa. Nele se discutem as análises da importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo, tendo em conta as informações obtidas nas entrevistas dos pais, a teoria e os conceitos escolhidos para esta pesquisa, buscando, dessa forma, responder ao problema de pesquisa.

4.1. Perfil Sociodemográfico dos Entrevistados

Recapitulando, foram efectuadas entrevistas a 8 (oito) famílias residentes na cidade de Xai-Xai. Deste conjunto, 2 (duas) dessas famílias nos foram indicadas pela fundação Kxanimambo, 2 (duas) por via de uma interacção com o jardim infantil e as restantes foram alcançadas através das rondas feitas nas escolas. Por razões de ética, logo à partida, a pesquisadora deixou garantias de protecção dos dados colectados durante as entrevistas. Para tanto, a cada família foi atribuído um código, como a seguir: família 1R8; família 2 R11; família 3 R16; família 4 G11; Família 5 R8; Família 6 G4, Família 7 G3 e R3 por último a família 8 R13. Importa salientar que a família 7G3 e R3 é uma família com duas crianças (gémeas) ambas com autismo razão pela qual na população existe dado de 8 (oito) famílias com um total de 9 (nove) crianças. O número “1” refere-se à “ordem” de entrevistas, ou seja, à primeira família por nós entrevistada; a letra “R” está para “rapaz autista”; o número que segue a letra indica a “idade”. Onde a letra não é R mas sim “G” significa “Garota”, mantendo-se os outros itens assim como nos exemplos atrás. E o maior número de famílias entrevistadas é o de famílias com rapazes autistas.

As estatísticas e os estudos confirmam que o autismo é mais comum em meninos do que em meninas, como mencionado por Vieira e Baldin (2017, p. 3), “afetando cerca de quatro meninos para cada menina acometida”; todavia, as autoras destacam que “casos de autismo em meninas costumam ser mais graves, comprometedores e incapacitantes”, porém não se conhece a razão para isso, o que se sabe é o que está disposto no DSM-5: com a apresentação da citação acima fundamenta-se o facto dos dados a serem apresentados, a maior parte das entrevistas realizadas terem sido com famílias de meninos sendo seis famílias e o restante famílias com meninas que são três (a família 7 encontra-se nos dois lados por ter duas crianças gémeas uma menina e um menino) mesmo a incidência do TEA sendo maior em meninos, segundo Sigman e Capps (1997, citado por Bó, 2019, p. 18), “os meninos apresentam um melhor desempenho com relação ao quociente de inteligência”.

4.2.Direito á Escola “O Processo de Inserção Escolar da Criança com Autismo”

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, no seu artigo 26 consagra a educação como um direito e não como um privilégio. A educação é mais do que o ensino ou a instrução e visa o desenvolvimento humano integral é o reforço dos Direitos Humanos. Assim, o direito à educação encontra-se previsto no artigo 88 da Constituição da República de Moçambique (CR) de 2018. Este artigo diz no seu número 1 que a educação constitui direito e dever de cada cidadão. Sendo assim, é dever da escola responder a essas necessidades desde os anos iniciais de escolarização. As leis sobre a educação inclusiva asseguraram que a pessoa com deficiência tenha seus direitos assegurados, como o acesso à educação, a permanência e o atendimento especializado que lhes garantam uma educação de qualidade (Menezes & Silva, 2022). Segundo o número 3 da Carta dos direitos para pessoas com autismo é direito de as pessoas com autismo receberem uma educação acessível e apropriada.

A pesquisa procurou saber dos participantes, se consideram o acesso a escola como um direito da criança?

Inerente a esse questionamento, a pesquisa apurou que todas as famílias entrevistadas têm noção de que o acesso a escola é um direito da criança, pelo que se entende que o que a constituição da república fundamenta (toda a criança tem o direito à escola) as famílias sustentam e buscam efectivar.

Quanto à questão, se considera a inserção da criança com autismo na escola essencial, os dados obtidos foram os seguintes:

“Família 1R8 (agosto, 2023) Sim é”

“Família 2 R11 (Agosto, 2023) sim, muito essencial”

“Família 3 R16 (agosto,2023) não tem como não ser essencial porque como falamos primeiro, o acesso a escola é direito da criança então como direito da criança, é essencial para criança com autismo já que também é criança e com mesmos direitos”.

“Família 4 G11 (Setembro,2023) inserir criança assim na escola acho ser muito essencial porque vai ajudar muito a criança a ter amigos, a ter relações com os outros muito mais a parte da comunicação porque hiii, não é fácil é

isso, é essencial mesmo e eu sou uma pessoa que gostaria de ver minha criança como outras crianças não deixar aqui em casa só porque é especial lhe trancar não ir a escola isso não, também porque eu nem quero ver minha filha maisinsolada”.

“Família 5 R8 (Setembro, 2023) é essencial, sabe, se não tivesse feito isso com meu filho nem estaria aqui a ver o que estou a ver nesses dias acho eu, por isso é mesmo essencial porque meu filhomelhorou muito por ir a escola”.

“Família 6 G4 (setembro, 2023) primeiro minha filha é muito difícil de lidar com ela em casa, então para mim lhe meter na escolinha achei sendo muito essencial mesmo vou ter apoio numa e outra coisa”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) sim é essencial acho eu, olha só até o hospital nos mandou meter eles na escolinha por causa do jeito deles de ser, eles são gémeos e os dois não se desenvolvem como deve ser, então se até hospital nos orientou a procurar ambiente de escolinha é porque é muito importante”.

“Família 8 R13 (Outubro, 2023) não tem como não ser porque lá vão aprender alguma coisa”.

É possível perceber através de relatos das famílias que consideram essencial que a criança com autismo seja inserida na escola. Segundo Menezes e Silva (2022) para que a criança tenha desenvolvimento pleno, é preciso que ela tenha oportunidades de aprender e o melhor ambiente para que isso ocorra é, sem dúvida, a escola. De acordo com as falas dos entrevistados, observa-se que a acção de inserção escolar de crianças autistas nas escolas é essencial por permitir um desenvolvimento nas crianças em várias áreas e as autoras fundamentam de igual maneira.

A pesquisa procurou apurar se os participantes consideram o papel de inserir as crianças com autismo nas escolas é das famílias? Os dados obtidos pela pesquisa apontam:

“Família 4 G11 (Agosto, 2023) eu acho que é da família, é que a família da criança deve sempre apoiar seus filhos, sem escolher ninguém apoiar todos da mesma forma não ter aquilo de que haaa essa aqui como é assim não dá ir a

escola, não, tem que levar essa criança ir matricular também, a família tem que fazer isso”.

“Família 5 R8 (Setembro, 2023) com certeza é papel da família fazer Isso; Família 6 G4 (Setembro, 2023) sim é papel da família”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) com certeza, é papel da família se a família quiser ver boas coisas nos filhos tem que fazer isso é o que busquei fazer também pelos meus filhos ainda nessa idade logo que me orientaram no hospital”.

“Família 8 R13 (Outubro, 2023) É papel da família fazer isso, da mesma forma que se insere outras crianças nas escolas a família deve também fazer o mesmo com crianças assim”.

Buscar uma escola para incluir seu filho autista na educação é uma forma de contribuir com o desenvolvimento da criança ou do sujeito, tendo em vista que muitos são incluídos já na fase da adolescência (Menezes & Silva, 2022, p. 54).

A parceria entre família e escola pode trazer grandes benefícios no tratamento da criança. Da mesma forma, a boa relação entre ambas tende a amenizar o stresse familiar assegurando motivação aos pais para continuidade do tratamento (Serra, 2010). A família encontrará na escola um espaço de convívio social, onde poderá dividir suas experiências e consequentemente aprender com outros pais e professores.

Em relação ao papel de inserção escolar de crianças autistas as famílias concordam que o papel de o fazer é delas mesmas assim sendo, percebemos desta maneira que as famílias buscam promover o direito da criança, o de ir a escola. E segundo autores acima citados fundamentam que quando se busca inserir crianças autistas nas escolas se contribui para o seu desenvolvimento, além do mais a escola passa a dividir com a família a responsabilidade de educar.

A pesquisadora questionou aos participantes se alguma vez já sofreram algum tipo de preconceito pelo facto de conviverem com criança autista? Os dados obtidos foram os seguintes:

“Família 1 R8 (Agosto, 2023) já, mas agora até que vale a pena, o que passava antes me doía muito porque parecia que eu pedi nascer um filho assim..., eu deixo meu filho brincar com outras crianças da zona, tipo deixo ele ir nas casas vizinhas brincar,mas

tem gente má que por ele ser assim e não conseguir por si só ir a casa de banho fazer necessidades começam a zombar e gritam meu nome, dona X venha buscar makokotweni, enquanto isso alguns amigos dele começam a rir, e sabe que até já era conhecida como mãe do menino que faz coco nas calças”.

“Família 2R11 (Agosto, 2023) não agora, só me lembro de ter passado por isso quando ele ia na primeira escola onde lhe havia matriculado, lá ele era separado, lhe discriminavam muito mas na escola onde vai agora nada disso acontece, está tudo bem e aqui na zona é muito amado”.

“Família 3 R16 (Agosto, 2023) sim sofremos, e ele é motivo de risadas por causa do jeito dele já que não fala bem e quando fala tem isso que costuma fazer de olhar para cima e as pessoas não entendem que é porque ele é diferente, só começam lançar piadas e chamam de quem não está bem da cabeça”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) já estou acostumada a ouvir cada coisa, mas agora ignoro, cansa toda hora ouvir sua filha é isso, sua filha é aquilo, porque falam muito as pessoas sabe, toda hora sua filha é agressiva não sabe brincar, ora minha filha é melhor não estar perto de outras crianças porque se não, sairão feridas já que minha filha é meio agressiva, arranha, morde, entendo que minha filha é muito agitada, mas ninguém imagina o quão é doloroso só andar a ouvir comentários negativos, e na escolinha dela na comemoração de 1 de junho ouvi muitas mães a procurar conhecer minha filha, mas me doeu o motivo, elas só queriam ver minha filha saber quem era para depois dizer mas essa menina esta boa da cabeça? Bom, entendi que falavam aquilo por causa dos comentários de filhos delas que contavam o que minha filha anda a fazer mas ouvir aquilo doeu muito,”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) sofremos, mas muito mais quando saímos para algum lugar não suportam aglomeração, então muita gente não suporta o barulho da menina, o menino as vezes é calmo, mas eles soltam as vezes uns gritos fortes tem momentos que do nada chora, então as pessoas ficam aí falando mal e jogando cada olhar e as vezes palavras do tipo hiii essas crianças são estranhas, várias vezes ouvi que meus filhos são estranhos, e isso machuca muito”.

“Família 8 R13 (Outubro,2023) Só costume ouvir crianças que vão com ele a escola sempre a lhe chamarem de burro isso irrita muito, é sempre chamado de burro e

matreco porque ele não consegue apanhar o que aprende na escola, é normal ouvir crianças comentarem que este na escola não faz nada que a professora fala com ele não responde e nem parece que falam com ele é muito burro”.

De acordo com os relatos das famílias conseguimos captar que por falta de entendimento do autismo por parte da sociedade as crianças autistas vêm sofrendo situações de discriminação e preconceito onde não se percebe sobre as limitações que autismo remete as crianças temos exemplo da criança da família 1R8 e 8R13 onde a criança da família 1R8 não consegue se dirigir a casa de banho para fazer as necessidades maiores e a criança da família 8R13 que tem uma enorme dificuldade de aprendizagem e por conta disso é motivo de zombaria e chamarem nomes pejorativos, o caso da família 2R11 e família 5R8 percebemos uma situação idêntica de discriminação nas actividades no ambiente escolar, onde as crianças foram separadas devido a suas diferenças e as escolas não buscaram se empenhar em integrá-las mas o importante é que as famílias buscaram outras medidas para proteger seus filhos de tais situações de exclusão, retirando seus filhos para outras escolas. Da família 6G4 percebemos tendências de não se permitir com que a criança tenha contacto com seus pares devido a sua dificuldade de lidar com os outros visto que é agressiva, e na família 7G3 e R3 se depara com caso de as pessoas não procurarem saber de antemão o que esta acontecendo com as crianças devido aos gritos que provocam, simplesmente concluem que são crianças estranhas.

De acordo com Minatel e Matsukura (2015), as famílias vivenciam em suas experiências no contexto educacional situações de dificuldades e desafios, na busca por uma escola que atenda as suas expectativas, na garantia de vaga e também de inclusão e respeito aos seus filhos. Portanto, foi colocada a seguinte questão aos pais participantes da pesquisa: A sua criança frequenta a escola? Se sim. Explica como ocorreu o processo de inserção escolar da criança. Os dados obtidos foram os seguintes:

“Família 2 R11 (Agosto,2023) Da primeira vez fui-lhe matricular e apresentei a situação dele receberam a informação mas depois de uns dias fui vendo que não estava a dar naquela escola, não lhe tratavam bem tirei ele para outra escola mas na outra escola não foi logo,logo, ficamos um tempo em casa sem ir a escola por causa da primeira experiência de discriminação, nessa que está agora fui matricular e deixar na direcção a situação dele ele foi bem recebido e está tudo bem até então, essa escola é melhor”.

“Família 3 R 16 (Agosto, 2023) Coisas de matrícula dele quem foi tratar é a fundação Khanimambo mas não tive nenhum problema correu bem”.

“Família 4 G11 (Setembro,2023) foi tranquila a matrícula dela, lhe inserimos na escola com muita facilidade só que por causa do jeito dela, sempre optamos em colocar ela na escola privada nunca estudou na escola pública e também porque como aos cinco anos estava numa escolinha optou-se em colocá-la nessa escola porque quase todas crianças da turma dela na escolinha foram matriculadas nessa escola então pensamos em colocar a nossa filha também por causa da parte de colegas porque já estava acostumada a aqueles colegas”.

“Família 5 R8 (Setembro,2023) não foi fácil colocar ele nesses ambientes e antes da escola havíamos-lhe metido numa escolinha primeiro para desenvolver-se mais, para que chegasse momento de ir a escola enquanto já está familiarizado com ambiente escola mas acontece que lá era excluído não participava das actividades como outras crianças então lhe tiramos e veio ficar aqui em casa até que completou idade de ir a escola, na escola deu muito trabalho porque ele nos primeiros dias se insolava muito e natureza dele mesmo é essa e fora a isso, ele não é muito social e nem consegue lidar com os outros, mas oky matriculamos na escola e vamos assistindo a adaptação dele”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) Um dia desses por estar sempre a ouvir que minha filha não é normal, procurei uma escolinha mesmo para ver se melhora certos comportamentos, ela vai a escolinha mas já me falaram na escolinha que ela nem fica concentrada quer fazer coisas dela só, ora sair da sala, mexer em coisas perigosas como fios eléctricos”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) Logo que no hospital me disseram que era preciso meter eles na escolinha não pensei duas vezes corri logo para escolinha matricular eles também porque queria perceber porquê que meus filhos são como são, então, meter eles na escolinha deu trabalho na menina por causa desses gritos dela, birras e toda hora chorar”.

“Família 8 R13 (Outubro, 2023), Matriculamos a ele não tão fácil assim mas o problema é ele, porque demonstrava não querer ir a escola e esta indo porque obrigamos aqui em casa”.

Em uma revisão da literatura sobre as diferentes intervenções que têm sido recentemente utilizadas no tratamento do autismo, Bosa (2006) destaca as evidências de que: "a provisão precoce de educação formal, a partir dos dois aos quatro anos, aliada à integração de todos os profissionais envolvidos, é a abordagem terapêutica mais efectiva. Crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interacção para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil".

Nesta senda, percebe-se que a acção recomendada no hospital de inserir as crianças com autismo no ambiente escolar visando promoção da inclusão como mecanismo de melhorar certas habilidades nas crianças foi realizada com a família 7 G3 e R3 de forma precoce visto que os gémeos têm apenas três anos.

Inserção do aluno com TEA no ambiente educacional representa um passo na inclusão social muito importante à criança, que tem a oportunidade de conviver com outras da mesma faixa etária, possibilitando estímulo às suas capacidades interactivas, impedindo o isolamento contínuo. (Camargo e Bosa, 2009, p. 316).

Para Menezes e Silva, (2022 p. 43) “é imprescindível que haja cuidado no processo de inclusão das crianças quando adentram as escolas, para que tenham acompanhamento em suas adaptações, uma vez que ao se inserir a criança no contexto escolar, se ela não tiver amparo, a acção torna-se excludente e não integrada” (p. 82). Essa citação é pertinente devido a duas situações, neste caso a das famílias 2R11 e 5R8 que trazem ambas experiências amargas após a inserção escolar das crianças tendo sido excluídos seus filhos no âmbito das actividades o que remete a inexistência da inclusão escolar, a família 2R11 na escola pública e família 5R8 na educação pré-escolar pública, com esse dado percebe-se que existe um grande desafio de escolas inclusivas de modo a se sustentar na prática o que se diz na lei sobre educação inclusiva em Moçambique. E vale ressaltar que a acção de tirar as crianças em locais onde havia exclusão foi positiva, visto que, o que se nota por parte dessas famílias é buscar proporcionar aos seus filhos ambientes inclusivos e que transmitam segurança para a criança tanto para Família.

O estudo procurou questionar, quais são os desafios enfrentados pela família no âmbito da inserção escolar? A pesquisa conseguiu apurar alguns dados, conforme se descreve a seguir. De acordo com Minatel e Matsukura (2015, p. 429), as famílias vivenciam em suas experiências no contexto educacional situações de dificuldades e desafios, na busca por uma

escola que atenda as suas expectativas, na garantia de vaga e também de inclusão e respeito aos seus filhos.

“Família 1 R8 (Agosto,2023) não foi nada difícil também porque é Kanimambo tomou conta de todo processo da matrícula da criança”.

“Família 2 R11 (Agosto,2023) como havia dito que lhe coloquei numa escola primeiramente então não fui muito com a forma como lhe tratavam, ele não era bem inserido podia surpreender a escola e chegar encontrar situações de separação do meu filho nas actividades aquilo doía me muito sabe, fiquei com ele em casa um tempo sem permitir ele ir a escola, mas depois pensei numa escola privada assim nessa escola de agora eu fui-lhe matricular e a escola em si transmite uma boa segurança também porque quando estava-lhe matricular expliquei a situação dele mostraram se prontos a ajudar, por isso deixando a experiência da primeira escola posso dizer que desta vez me dei bem, não enfrentei nenhuma dificuldade para inseri-lo na escola”.

Na visão de Cunha (2009) é primordial o entendimento da escola a respeito dos impactos que o TEA produz na vida em família, que requer cuidados ininterruptos, atenção constante, atendimento especializado. O entendimento das dificuldades de aprendizagem do aluno implica um olhar extensivo à família, para uma melhor aplicação de todas as etapas do processo da sua educação. É notável o posicionamento da escola que acolheu a criança autista e se prontificou a prestar todo apoio a família.

“Família 4 G11 (Setembro,2023) foi simples a matrícula dela, fomos-lhe matricular sem nenhuma dificuldade e tivemos sorte de termos sido solicitados com a direcção da escola quando percebeu como ela é, o director nos encorajou a termos aceitação com a situação da minha filha que temos que apoiar muito a ela e lhe tratarmos bem e que na escola buscariam formas de trabalhar com ela”.

“Família5 R8 (Setembro,2023) foi tranquila sua inserção escolar embora com um pouco de preocupação da nossa parte como pais dele, como havia-te esclarecido buscamos primeiro lhe ambientar numa escolinha só que nos demos mal na tal escolinha não sei se era por ser pública, ele era muito separado dos outros não era bem inserido e por causa disso tivemos que tirar ele da escolinha, mas já na idade escolar optamos por uma escola privada é nessa escola onde estuda lhe receberam

bem sem nenhum problema, o problema esta nele por ser uma criança que se insola muito, na verdade isso de alguma forma nos preocupava muito do tipo, será que vai ficar bem na escola? Mas está aqui se adaptando e está tudo bem, e gostaria também de acrescentar que na verdade temos falta de escolas inclusivas, até o estado já diz que as escolas devem ser inclusivas, mas na prática não é o que vemos, meu filho na escolinha era muito excluído, era normal surpreender a escolinha e encontrar a criança insolada, separada das outras e sendo excluído como vai desenvolver a parte da socialização sem como nee”.

“Família 6 G4 (Setembro,2023) Lhe meti na escolinha sem nenhum problema minha filha é muito amorosa gosta de abraçar dar beijinho conviver com os outros mas ao mesmo tempo é agressiva com outras pessoas então foi essa parte que no fundo dava pouco de medo mas nem com isso fui matricular normalmente.”.

De acordo com Mello (2007 p. 21) muitas vezes a criança com autismo aparenta ser muito afectiva, por aproximar-se das pessoas abraçando-as e mexendo, por exemplo, em seu cabelo, ou mesmo beijando-as, quando na verdade ela adota indiscriminadamente esta postura, sem diferenciar pessoas, lugares ou momentos. Esta aproximação usualmente segue um padrão repetitivo e não contém nenhum tipo de troca ou compartilhamento.

Mello (2007), apresenta uma abordagem que fundamenta o comportamento da criança da família 6 G4 que é uma criança que gosta de dar carinho, beijar outras crianças, abraçar, o que nos remete a percepção de que algumas crianças autistas apresentam esse lado afectivo.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) não foi fácil por causa da menina, ela não suporta barrulho mesmo no próprio dia da matrícula dela ela só chorava, gritava ora se tapava ouvidos assim que é uma escolinha grande muitas crianças, mas a direcção viu tudo que a criança fazia e disseram que com tempo vai melhorar, com essa força busquei estar segura de alcançar melhorias, então matriculei os dois”.

“Família 8 R13 (Setembro,2023) O grande desafio na verdade para nós aqui em casa está no manter ele na escola porque parece um menino que não gosta de escola, mas para lhe matricular não deu tanto trabalho”.

Em relação a família 5 R8 e família 7 G3 e R3 autores Camargo e Bosa (2009) sustentam que “para ultrapassar os déficits sociais dessas crianças, é preciso possibilitar o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos

conhecimentos e comportamentos”. As autoras ainda enfatizam que proporcionar às crianças com autismo de conviver com outras da mesma faixa etária, possibilita o estímulo a suas capacidades interactivas, impedindo o isolamento contínuo. Além disso, o convívio de uma criança autista no ensino regular irá favorecer o seu desenvolvimento e de seus pares.

4.3.Experiência Escolar da Criança Autista e seu Acompanhamento

A pesquisadora buscou apurar o que se entende por realizar um acompanhamento escolar. Os dados da pesquisa apuraram o seguinte:

“Família 1R8 (Agosto,2023) acompanhamento acho que é sempre ir na escola dele saber como ele anda lá na escola”.

“Família 2 R11 (Agosto,2023) acompanhamento escolar acho que é ser presente no filho, verificar sempre como se desenvolve, realizar junto com ele tpc's, ir a escola dele sempre procurar saber como vai na escola, como se comporta porque não basta só ir matricular só tem que ir na escola dele sempre”

“Família 4G11 (Setembro,2023) acompanhamento escolar é fazer visitas na escola dela, falar com professores dela saber como ela se comporta na escola, ver também o que escreve”;

“Família 5 R8 (Setembro,2023) acompanhamento escolar é basicamente a família participar activamente no andamento da criança na escola”.

“Família 6 G4 (Setembro,2023) acho que seria procurar saber da escola como anda minha filha lá, mas não vou mentir não consigo fazer isso sabe, não faço praticamente”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro,2023) É perguntar sempre na escolinha como eles estão, se está tudo bem, mas nunca me dei tempo de ir-lhes assistir;

“Família 8R13 (Outubro,2023) é saber como vai a escola, ver provas dele, dar tempo de fazer sempre os tpc e lhe ajudar”. De forma geral percebemos que as famílias entendem o que significa acompanhamento escolar.

Quanto a pergunta: Tem realizado acompanhamento escolar da criança? Os resultados da pesquisa apuraram o seguinte:

Torna-se importante a parceria entre família e escola, já que os pais são provedores de informações que podem colaborar com o planeamento das intervenções educacionais das crianças com o TEA. (Martins, Acosta & Machado s/d).

“Família 1R8 (Agosto,2023) sim, não tenho alternativa pior que ele facilmente faz necessidades sentado, por isso sou obrigada a ir com muita frequência na escola dele, procuro sempre saber dele na escola, quando não vou ligo para professora para saber como ele está lá, na escola dele”.

“Família 2 R11 (Agosto,2023) sim realizo o acompanhamento dele sem falha”.

“Família 3R16 (Agosto,2023) "não posso mentir eu não vou a escola dele, minha saúde não é lá muito boa e ando muito nas machambas fora a isso tenho essa minha filha aqui que não esta boa de saúde mental tenho que estar aqui em casa porque as vezes ela desaparece então tempo de ver coisas da escola dele não consigo ter”.

“Família 5 R8 (Setembro,2023) damos nosso máximo de procurar saber dele em todos assuntos da escola, desde comportamento dele, o que tenta escrever essas coisas todas, e olha que pelo facto de realizarmos esse acompanhamento até nos ajudaram com essas letras aqui veja, e ainda disseram vocês como família lá em casa tentam ajudar também então é muito bom trabalhamos juntas para o bem dele, a escola faz parte dela e nós também”.

“Família 6 G4 (Setembro,2023) yah, é o que dizia antes não consigo fazer isso por causa do meu trabalho e simplesmente só assisto vídeos quando a escolinha partilha no grupo e olho dali mesmo minha filha”.

“Família 7 G3 e R3 (stembro,2023) Acho que não estou fazendo como deveria porque simplesmente pergunto a directora como meus filhos estão indo na escolinha mas aquilo de me dar tempo ir pelo menos ver eles na sala de aulas ver adaptação deles ainda não fiz, tempo não está ser fácil, mas dizem que o menino está calmo só resiste a mudanças, não fala, mas não quer que lhe falem para fazer alguma coisa nega e fica só com brinquedos, agora sobre a outra dizem que passa mal por causa do barrulho, chora as vezes na sala, fica de olhos fechados com dedo na boca e por vezes se atira no chão, são coisas que faz aqui em casa também”.

Em relação ao acompanhamento escolar entende-se que as famílias F1R8, F2R11, F4G11 e F5R8 buscam realizar um acompanhamento escolar de seus filhos e o fazem devidamente partindo de princípio que são crianças que apresentam certas dificuldades e cada família sabe as demandas específicas da manifestação do autismo do seu filho, vemos o caso da família 1R8 onde a criança tem dificuldades de se fazer a casa de banho, devido a essa questão a mãe da criança sempre busca chegar a escola para tomar conta, assim como se manter informada sobre a criança através de ligação telefónica com a professora. Família 2R11 e família 5R8 como tiveram uma experiência de exclusão de seus filhos nas primeiras experiências com escola, nota-se que buscam realizar de forma activa o acompanhamento de modo a avaliar seu progresso e saber de igual forma como são tratadas as crianças no ambiente escolar. Em contrapartida deparamo-nos com caso de família 3R16, 6G4,7G3 e R3 e 8R13 que não realizam um acompanhamento escolar de suas crianças devido há diversos motivos.

Schmidt (2013, p. 4) assinala que deve haver ligação entre família e a escola quanto a inserção do indivíduo autista, porém destaca que um dos entraves encontrado é a falta de disponibilidade de tempo que as famílias devem dispor para acompanhar os filhos com autismo. Entre essas famílias percebe-se que não há disponibilidade de tempo por parte das famílias para realização de um acompanhamento eficaz de seus filhos.

Pese embora a família 6G4 busque acompanhar a criança em actividades escolares através dos vídeos partilhados em grupos de *whatsapp*, mas não chega a ser um acompanhamento que permita ter com clareza o andamento da criança no ambiente escolar. Realizar um acompanhamento escolar da criança é buscar fazer parte da vida académica da criança, buscando com frequência realizar visitas na escola para assistir as crianças no desenvolvimento das actividades na escola, buscar informações relacionados a seu desenvolvimento e de igual modo contribuir com o que acha importante para estímulo da criança, visto que a criança é muito mais conhecida a sua forma de comunicação com a família e tomando em consideração que criança autista precisa de apoio familiar por causa de dificuldades que apresenta todas as famílias deviam ser mais participativas na vida dessas crianças.

Peteer (1998) citado por Serra (2010 p. 6) arrolam que a família pode colaborar de maneira muito especial para o desenvolvimento da criança portadora de autismo na escola, principalmente fornecendo aos profissionais da educação as informações sobre as formas de

comunicação da criança. Havendo pelo menos uma forma de comunicação utilizada pela criança, as outras podem ser desenvolvidas.

Sobre experiências das famílias no processo de ensino e aprendizagem da sua criança autista.

“Família 1R8 (Agosto,2023) Ele é uma criança que lutamos com ela, aqui na Khanimambo também me ajudam nessa coisa de explicação, mas haaaa não é o nível que eu gostaria de ver nele, mas vale a pena porque começa a escrever”.

“Família 2 R11 (Agosto,2023) A experiência tem sido boa nesta escola onde está agora porque as pessoas ao seu redor entendem a ele, então não há aquela discriminação, separação, mesmo para estudar fazer TPC tem sido muito bom e ele é muito inteligente, ele gosta de desenhar e pintar”.

“Família 3R16 (Agosto, 2023) Esse aqui escola não entra, leva la suas provas nos mostrar... ” A criança sorriu e disse: são zeros a prova melhor foi a que tirei 3 por isso rasguei todas e joguei fora, era para fazer o quê com zeros joguei fora” a bisavó acrescentou é por isso que estava a dizer que a escola não entra e não está a começar agora ter essas notas baixas, escola mesmo não entra nele”.

“Família 4G11 (Setembro, 2023) Estou muito feliz com desenvolvimento dela, na escola está indo bem principalmente na matemática, vejo que cada vez mais está melhorar, porque ela sabe contar, mas português ela não vai muito bem, mas acredito que vai melhorando também porque falo sempre para os irmãos aqui ajudar a ela na leitura essas coisas, ela só gosta de rabiscar, e ela tem um grande problema de não aceitar ser ensinada outras coisas se ela por exemplo lhe dizer vamos fazer isso ela chora, grita fica muito nervosa não aceita mudanças esse é um aspecto difícil nela”. No caso da criança percebe-se o interesse em actividades restritas com forme relato da família da criança.

Segundo Moro (2010, p. 24), fundamenta que “são comuns ao quadro do autismo: inabilidade da interacção recíproca; inabilidades na comunicação ou presença de condutas estereotipadas, interesses e actividades restritos.” Assim sendo essa resistência a mudanças, não aceitar aprender outras coisas estando apenas apegada a coisas que lhe interessam é devido a essa questão do autismo que tem essa particularidade de condutas estereotipadas, interesses em actividades restritos.

Família 5R8 (Setembro,2023)“Ele está indo bem porque conseguimos ver o desenvolvimento dele principalmente na parte de se isolar está aos poucos a melhorar e está mesmo melhorando na parte da socialização e já consegue lidar com ambiente escolar, ter relações com os outros o que ele não fazia antes, mas matérias escolares é ainda um desafio para que uma e outra coisa entre na cabeça dele porque ele tem interesse em coisas sem muito haver, veja ele agora o que tem nas mãos, são essas coisas que gosta, gosta mesmo de ficar com fios e junta esses fios e depois é normal desfazer ele se interessa muito com essas coisas, e não consegui cuidar do material escolar estão aqui os livros dele até cansamos de procurar dar livros porque sempre ficam assim é terceiro livro esse mas é ele que anda a fazer isso com material dele escolar, e ele tem dificuldade na escrita mas quanto a esse aspecto o professor dele solicitou-nos e explicou a situação dele na sala de aulas e que assim que tem dificuldade na escrita passa a avaliar a ele oralmente”.

Segundo (Moraes e Carvalho, S/d), a dificuldade de sociabilização se trata da dificuldade que o autista apresenta em se relacionar com o outro, em compartilhar emoções e momentos. Não se mistura com outras crianças facilmente. Essa dificuldade gera uma falta de contacto com o próximo e uma baixa consciência da outra pessoa. Assim, possui dificuldade de se colocar no lugar do outro. Isso inviabiliza o contacto físico, gestual, visual e sentimental. Em muitos casos, desencadeia a falta ou diminuição da capacidade de imitar, que é um dos pontos essenciais para o aprendizado.

“Família 6G4 (Setembro, 2023) minha filha não aceita escrever, ela até tenta rabiscar mas não é grande coisa através de vídeos já vi crianças até escrevendo as vogais mas quando chegou a vez da minha filha de fazer também vi que ela não faz e mesmo caderno dela quando olho vejo que não tem basicamente nada, mas como só tem 4anos com tempo acho que vai melhorar e já me disseram uma vez com outras crianças colegas quando lhe buscava na escolinha que ela bate nas outras e a educadora dela comentou também que ela costuma não querer se manter na sala de aulas não gosta de se concentrar por isso tem saído para fora, e mesmo lhe metendo de volta na sala trancar a porta para não sair a atenção dela sempre esta em fazer outras coisas além de aprender com as outras”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro,2023), com relato da direcção só percebi que pelo menos o menino é que demonstra tentar ter uma concentração na sala a luta está na

gêmea que não há ainda sinais de melhorias e ela prefere se afastar dos outros ficar sozinha”.

“Família 8 R13 (Outubro,2023) ele não tem andado bem na escola não consegue nem resolver uma conta simples não sabe ler, e tem um grande problema de não gostar da escola, sempre volta cedo, sai antes da hora, na sala de aulas as crianças vizinhas que estudam com ele dizem que quando a professora fala com ele, ele nem responde e ainda vai a escola com arrames e fica fazendo brinquedos de carrinhos ao invés de prestar atenção nas aulas,na verdade ele demonstra de todas maneiras falta de interesse com a escola que ate já comentou repetidas vezes que quer ir a conjuene pastar gado”. Dessen e Polônia (2007) destacam que os pais precisam ficar atentos tanto nos aspectos de acompanhamento das atividades e dos trabalhos realizados pelo educando, quanto da sua permanência no ambiente escolar e sua relação e integração entre professores e os pares.

A pesquisadora questionou aos pais participantes do estudo: tem enfrentado algum dilema no acompanhamento escolar do seu/a filha/o? A partir desse questionamento, foi possível apurar o seguinte:

“Família 1R8 (Agosto, 2023) o grande dilema que vejo que enfrento no acompanhamento dele é essa parte de eu ter que correr sempre para escola por causa de ele fazer coco na sala e isso não tem-me deixado muito bem porque quando está na escola fico sempre preocupada e a imaginar como ele deve estar agora, então não é fácil porque é normal eu ir cuidar desse assunto dele naquele momento que cuido dele ele está perder certas matérias, porque ele sai da sala e os outros ficam lá a estudar”.

“Família 3 R16 (Agosto, 2023) Primeiro eu nem consigo fazer o acompanhamento é o maior dilema por causa desse problema dos meus pés, eu já não tenho forças para fazer acompanhamento escolar do meu bisneto, depois há muito tempo eu ia a escola dele mas desde que foi matriculado este ano nunca fui, antes ia muito porque ele dormia e me chamavam lembro outra vez fui até lá e ainda lhe encontrei dormindo, então falei para a professora bater, não bater aquilo de matar mas bater por ser necessário para ele deixar de dormir na sala, mesmo esse ano gostaria muito ir na escola saber como ele anda agora mas essa minha idade já não ajuda muito, meus pés doem mesmo a Machamba tenho me esforçado porque para comer aqui depende disso, e também aqui em casa tenho aquela filha ali amarrada com problemas

mentais não posso me ausentar muito porque as vezes ela desaparece e dá trabalho andar a procurá-la, então não consigo ir a escola desse meu bisneto por causa disso tudo mas querer quero.

“Família 4 G11 (Setembro, 2023) não enfrento nenhum dilema não, sempre que eu quiser saber de alguma coisa da minha filha a escola sempre está aberta para me receber e me apoia sempre”.

“Família 5R8 (Setembro, 2023) está tudo tranquilo não enfrentamos nenhum dilema no acompanhamento dele a única coisa talvez que podia considerar dilema que estamos a enfrentar é só essa parte do cuidado do próprio material dele escolar, mas realizamos o acompanhamento, de forma geral é tranquilo até a escola ajuda muito no material didáticos e reforçamos a aprendizagem aqui em casa na matemática porque não gosta muito de matemática, e também a situação dele as vezes esquecer a pasta na escola porque quando vê a carrinha escolar que usa ele sai já vai a carrinha e se esquece de levar pasta isso está sendo frequente mas como vem nome dele na pasta sempre recuperamos”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) é como dizia só acompanho mesmo em grupos de WhatsApp e nem sempre partilham algo lá, uma vez que enfrentei uma situação foi quando partilhou-se um vídeo e vi minha filha sozinha num canto e logo perguntei o porquê daquilo, outros a aprender e minha filha sozinha num cantinho mas explicaram que foi que ela negou se ajuntar com os outros epah, entendi um pouco por causa do jeito dela mas não deixou de doer, aquilo me doeu sabe mas em fim neee”.

“Família 7 G3 e R3 (setembro, 2023) a questão de tempo me bate muito não consigo ir até lá e mesmo o que consigo ter como informação sobre eles é naquele momento que vou buscar eles para casa”.

“Família 8 R13 (Outubro, 2023) o grande dilema que enfrentamos é esse dele ter que se manter na escola até as aulas terminar e ter atenção nas aulas ao invés de ficar focado nos carrinhos que anda a fazer na sala, deixar também isso de voltar no meio das aulas e eu também devo procurar ter comunicação com a professora dele porque ainda não fiz nada disso”.

Outra questão colocada pela pesquisadora foi: Que estratégias a família busca para realizar um acompanhamento eficaz junto a criança com autismo? As respostas foram as seguintes:

“Família 1R8 (Agosto, 2023) na verdade eu venho dando jeito da minha maneira, também uma mãe sempre faz de tudo para ver o filho andar bem, e deixo meu filho vir sempre aqui na fundação Khanimambo aqui ele consegue ter explicação de coisas da escola porque eu nem o pai não estudamos então procuro ver ele bem de todas formas e faço isso incentivar ele a vir a explicação e a aprender outras coisas”.

“Família 2R11 (Agosto, 2023) Na verdade aqui em casa faço de tudo para ele desenvolver suas habilidades, e outra coisa eu sou professora, por isso entendo muito da importância de fazermos como pais acompanhamento escolar, é muito importante mesmo, então assim que ele está chegar da escola vai comer, tomar banho assistir um pouco e depois estamos ali a fazer TPC, ajudo a ele sempre a fazer os tpc's, "filho trás teus livros aqui" veja só o que ele escreve, ele escreve muito bem,mas isso é porque lutamos aqui em casa com ele para que vá bem na escola e também busco-me comunicar constantemente com a professora dele para saber como ele tem ido na escola e não só, vou também a escola dele ouvir de perto sobre Ele isso não falha, não acaba uma semana sem ir para lá”.

“Família 3 R16 (Agosto, 2023) é difícil dizer alguma coisa porque nem vou a escola dele, apenas só tenho dito aqui em casa para ele estudar porque amanhã ele só será alguém se estudar e sempre falo para seguir os amigos quando vão a fundação Khanimambo na explicação mas já passam dias não vai”.

“Família 5R8 (setembro, 2023) Nós somos pessoas que gostamos de aprender sobre tudo que é para ajudar nosso filho, entramos sempre na internet pesquisar sobre certas maneiras de lidar com crianças como nosso filho, e quando implementamos algo e dar certo corremos para avisar a professora também na escola dele para agir da mesma maneira com ele, e dizer que o material didático que deram na escola procuramos também fazer uso com a criança de forma a fazermos também nosso papel como família, porque a escola também tem parte dela”.

“Família 6 G4 (Setembro,2023) hummm não vou mentir não faço nada diferente de sempre olhar apenas grupos de WhatsApp quando tiver MB baixar os vídeos e ver dali minha filha só isso e mesmo isso de me dar tempo sentar com ela ensinar

escrever não faço, e ela sempre trás em casa papéis com TPC da escolinha mas às vezes reclamam na escolinha de que ela não faz TPC mas também vejo que a idade dela nem está perdida ainda são 4anos que tem, na escolinha falam que é para desenvolver motricidade essas coisas mas haaa não há muita pressa ela vai aprender; Família 7 G3 e R3 (Setembro,2023) Não tenho comentários só sei que devo-me dar tempo de ir-lhes assistir na escolinha”.

Foi colocada a seguinte questão: Após a inserção da criança na escola percebeu algum desenvolvimento ou evolução do seu filho? Se sim pode partilhar esses momentos? Os dados colhidos permitiram apurar o seguinte:

“Família 1R8 (Agosto,2023) foi bom ele ter sido matriculado ele pelo menos já começou a escrever, já está a falar mais do que antes, e já tem um pouco de confiança até com o pai em casa porque ele só se comunicava comigo apenas como mãe, mas com escola eu acho que essas mudanças nele é porque tem tido contacto com outras pessoas e o falar com outros ajudou e tem ajudado, está melhorar”

“Família 2 R11 (Agosto,2023) Primeiro dizer que ele na escola onde está agora está bem enquadrado em todas actividades e ele melhorou muito, tem boas notas escreve muito bem, nem parece uma criança que está na segunda classe escreve coisas que se lê, é só apreciar mais os livros dele e cadernos e acerta sempre nos exercícios, embora ainda dificuldade na leitura mas auxiliamos aqui em casa e vai melhorar”

Em caso de TEA, a família deve ter a consciência de que o processo de desenvolvimento será lento, mas não impossível, acontecerá seguindo o ritmo que a limitação desejar. “Os responsáveis devem assumir uma dedicação total e amparar as necessidades de sua criança autista” (Menezes & Silva, 2022).

“Família 3 R16 (Agosto,2023) bem bem escola nesse não entra, a única coisa que ele faz e se dá bem é ir trabalhar, ele faz alguns biscates carregar sacos, ir a machamba nisso ele está bem mas escola não entra, ouviste também dele já falou que até as provas rasgou jogar fora porque só tem zeros, mas pelo menos o nome dele já escreve vale a pena não é como não saber absolutamente nada, mas o bom é que gosta de escola mesmo não ter bons resultados”.

“Família 4 G11 (Setembro,2023) minha filha tem melhorado muito principalmente a fala está desenvolver mais também porque temos sempre a ajuda nessas terapias de

fala no hospital e psiquiatria, ela fala, antes tinha muita dificuldade de falar mas já fala algumas palavras mas tem esse problema de as vezes repetir o que se fala, mas está melhorar tem bom relacionamento com outras crianças”.

Ao longo dos anos, as famílias têm aceitado os transtornos com mais facilidade, mesmo havendo momentos difíceis. Na busca por tratamento, compreendem que existem meios de facilitar a vida da pessoa deficiente através de acompanhamento terapêutico e tratamentos solicitados por especialistas (Menezes & Silva, 2022, 48).

Quanto a questão de repetir o que se fala que a família relata acerca da criança autista as pesquisas afirmam que no âmbito da comunicação, há algumas crianças que apresentam a ecolalia. A ecolalia é a repetição de palavras ou mesmo frases. Pode ser imediata ou tardia. A ecolalia imediata é quando a criança repete o que lhe foi dito naquele mesmo momento. A ecolalia tardia é quando a criança repete o que já ouviu há horas, ou até mesmo dias antes (Moraes & Carvalho S/d).

“Família 5R8 (Setembro,2023) o aspecto número um é mesmo a redução do isolamento e segundo a habilidade na fala, ele melhorou muito, embora seja uma criança que tenha dificuldade em pronunciar algumas palavras, por exemplo aqui posso-lhe mandar levar vários objectos ele vai, mas pode até não saber bem dizer o nome e as palavras saírem correctamente mas lutamos em ensinar tudo”.

Segundo (Libâneo, 2012) quando a inclusão realmente acontece vemos que as pessoas não ficam mais isoladas, pois estas acabam convivendo com outras pessoas da mesma faixa etária e tendo as mesmas oportunidades, pois são instigadas a colocar em prática suas capacidades.

“Família 6G4 (Setembro,2023) Só vejo que está mudar um pouco na parte de se agitar muito andar a mexer as coisas e quando chamada atenção isso de atirar o objecto que tiver na mão ela está reduzir um pouco ultimamente quando chamo atenção ela tenta ouvir pode até querer atirar as coisas mas agora só fica nervosa e chora mas não joga mais nada no chão pelo menos vejo que melhorou nisso mas o resto continua”

“Família 7 G3 e R3 (Setembro,2023) Posso dizer que o menino melhorou bastante porque quando me dizem que está calmo e se concentra e tenta se socializar vejo que é um avanço, e até já fala algumas palavras me surpreendi quando disse " estou a pedir pão" fiquei muito feliz,na verdade quando matriculei eles eu pensava que o

menino daria mais trabalho na escolinha porque chorava muito e dava também uns gritos mais que a menina mas muito pelo contrário é dele que me contam boas coisas agora na menina ainda não há coisas diferentes talvez precise de mais tempo também porque nem lhes meti há muito tempo na escolinha só tem quatro meses ainda vamos ver com tempo”.

Oliveira (2020) acrescenta que após inserção escolar as crianças poderão aplicar práticas de desenvolvimento a respeito da socialização com outras pessoas, melhorando as suas limitações dia a dia e trazendo aos seus familiares um maior conforto sobre o futuro, já que verão que eles são capazes de interagir com outras pessoas.

“Família 8 R13 (Outubro,2023) ainda não consigo ver algo melhor nele, continua o mesmo”. As famílias 3R16, 6G4 e 8R13 não conseguem ver melhorias nas crianças porque não realizam o acompanhamento escolar, em contrapartida, as famílias que realizam um acompanhamento conseguem observar um desenvolvimento em seus filhos.

4.4.Comunicação com a Escola

A pesquisadora buscou compreender como tem sido a comunicação entre os pais e ou encarregados de educação e a escola. Os dados das entrevistas revelaram o seguinte:

“Família1R8 (Agosto, 2023) É normal, sempre vou a escola dele saber se ele está bem lá às vezes ligo na professora dele, é que não tem como não ir sempre a escola dele assim que não fala bem as vezes faz necessidades maiores nas calças ainda não consegue fazer por si só, precisa de ajuda para tudo”.

“Família 2 R11 (Agosto, 2023) a comunicação é boa tem sido através de WhatsApp as vezes ligação telefonica mas a maior parte das vezes tem sido presencial que é melhor para qualquer tipo de situação porque telefone é sempre telefone mas estar lá, é muito diferente e falo sempre com professora dele e o Director da escola”.

“Família 3R16 (Agosto, 2023) é o que havia dito anteriormente, assim que estou desse jeito minhas pernas a doer e o cuidar das machambas não consigo ir a escola dele nem falo com a professora dele”.

“Família 4 G11 (Setembro, 2023) Através de grupos de WhatsApp e as vezes vou até lá na escola saber da situação dela, e até sempre que vou pagar mensalidade na escola procuro sempre falar com a professora dela e falar também com o director da escola”.

“Família 5R8 (Setembro, 2023) Ele está numa escola que pelo menos abrem espaço para troca de informações sobre a criança sempre, falamos com professor dele e assim como com a direcção da escola, é uma boa comunicação, a escola as vezes nos chama se tiver algum assunto a tratar em relação a ele, ligam sempre que necessário e nós também por sabermos que temos ele nessas condições não esperamos eles ligar, sempre procuramos nos aproximar da escola”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) a escolinha comunica mesmo sobre situação dela eu antes ouvi com um psicólogo amigo do pai dela que a menina é especial e a escolinha notou também isso e me procurou falou comigo falei que é autista mas não me abriu tanto sobre a situação dela, na verdade não é nada fácil, escolinha também vê que ela é uma criança diferente por causa do jeito dela agitada, confusa que chega a agredir outras crianças me falaram essas coisas e já me chamaram quando estive lá uma pediatra que viu também a situação da menina disse que era para eu levar a menina para hospital mas minha filha vai ficar bem esses comportamentos ela puxou o Pai o pai é assim como ela”

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) sim, mas falo com a directora da escolinha naquele momento de recolha e nem por muito tempo já que é tempo das crianças irem para casa então é um momento meio apertado mas pelo menos consigo saber um pouco de como eles são na escolinha nesse momento porque a directora fala algumas coisas”

Quanto à pergunta, existe uma comunicação entre os pais e o professor da criança? Se sim, como ocorre? Os resultados da pesquisa permitiram apurar o seguinte:

Família 1R8, Família 2R11, Família 4 G11 e Família 5R8 afirmam que Sim, existe, é através de telefone, assim como ir até a escola falar com professor. Família 3 R16 (Agosto, 2023) e Família 8 R13 (Outubro, 2023) não existe uma comunicação com a professora”.

“Família 6G4 não falo com a educadora dela, mas ela as vezes liga para saber o motivo dela não ter feito TPC ou informar sobre alguma situação da criança, mas eu nunca tomei iniciativa de ligar, ou ir até lá falar com a educadora tudo termina nisso de eu ver os vídeos no WhatsApp”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023), ainda não falei com educadoras deles só foi uma vez que falei com Educadora mas foi para assunto de fraldas que devia meter fraldas nas pastas, eles estão com três anos mas ainda não conseguem dizer que querem fazer certas necessidades também porque não falam quase nada ainda, só uma e outra coisa, então foi só essa vez que houve comunicação com a educadora, alguns relatos sobre eles é como dizia só apanho mesmo naquela hora de recolha a directora falar um pouco quando nos saudamos”.

Os participantes da pesquisa foram questionados: Na sua opinião quais são os principais benefícios do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo? Quanto a esse questionamento, foi possível apurar o seguinte:

Família 1R8 (Agosto, 2023) acho que tem muitos benefícios, a criança aprende muita coisa, melhora a fala em muitas coisas”.

“Família 2R11 (Agosto, 2023) Apoio familiar é muito importante né, tem muitos benefícios na escola principalmente, porque sabemos que a criança só vai a escola e nós só ficamos em casa como se a criança foi a escola não queremos saber o que vai fazer lá na escola se só vai sentar, antigamente por exemplo meu filho na escola só ia sentar e ficava com pasta dele, a professora foi-lhe conquistando para ganhar a confiança dele e não foi fácil, então é mais ou menos esse tipo de coisa então penso que a família apoiando é muito importante, a professora disse que tinha que ir na escola auxiliar agora imagina se não fosse para lá? Não teriam confiança nenhuma até hoje, também porque no hospital na verdade só dão o básico”.

“Família 4 G11 (Setembro, 2023) os benefícios vejo de que ela desenvolve as interações tanto na escola mesmo aqui na família há muito envolvimento”.

“Família 5R8 (Setembro, 2023) Nós como família fazemos tudo que é bom para ele, os irmãos dele por exemplo estão na escola pública mas com a situação dele achamos melhor colocarmos numa escola privada, escola onde ele está por exemplo vejo que é aceito e incluso diferentemente da situação que te contei sobre exclusão quando

estava na escolinha, não sei ou era porque a escolinha era pública então com facto de estar na escola privada vejo que há muitos benefícios há muito amor, envolvimento da equipe escolar e a escola se preocupa com ele com o bem dele e veja que até está se socializar numa boa, esse nem brincar com os outros conseguia mas agora vale a pena já está se socializar pouco a pouco então a socialização é o maior benefício pelo menos para nós, vemos isso no nosso filho”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) vejo que por ter metido ela na escolinha pelo menos vejo avanço nela de reduzir a agressividade; Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) Eu só digo foi bom ter metido eles na escolinha porque ouvir que o menino está calmo reduziu gritarias para mim é um ganho fiz bem em matricular eles e acredito que a gémea também um dia chega lá”

“Família 3 R16 (Agosto, 2023) pelo menos se vai na escola não será moluene, será um rapaz como outros e por ir a escola ele sabe escrever nome dele, oh é muito.

“Família 8 R13 (Outubro, 2023) não tenho nada a falar acerca disso porque ainda não vejo algo melhor nele, mesmo tpc eu pedir para lhe ajudar com colegas dele ele não aceita e fica parecendo não estão a falar com ele, não tem nada a ver com escola esse”.

Páez (2001) aponta a inclusão como meio de trazer benefícios incontestáveis para o desenvolvimento do aluno com deficiência, de modo que busque educar, sustentar, acompanhar, orientar, conduzir junto ao aluno.

O estudo questionou: De que forma o envolvimento familiar tem impactado o desenvolvimento e bem-estar da criança com autismo? Os dados obtidos foram os seguintes:

De acordo com Menezes e Silva (2022), o desenvolvimento da criança com TEA depende da adaptação escolar, de profissionais capacitados, mas, mais do que isso, demandará um envolvimento entre a escola e a família, com maior participação desta para planejar a educação dos seus filhos.

“Família 1R8 (Agosto, 2023) vejo que ele melhorou muito pelo menos tenta falar mais Palavras e até em casa já consegui ter confiança com o pai e os irmãos antes se insolava muito era normal estar com todos nós em casa mas ele ficar na dele e só falava comigo agora pelo menos vejo que está melhor”.

“Família 2R11 (Agosto,2023) o envolvimento familiar tem impacto positivo porque por exemplo a confiança, a vontade da criança em aprender e querer saber alguma coisa isso depende da família e se a família não está lá para a criança, a criança não vai desenvolver nenhuma confiança com ninguém nem com outras crianças nem com a professora, e esse tipo de criança precisa de ser conquistada a confiança dela e não é fácil assim”.

“ Família 4G11 (Setembro,2023) Ela é bem amparada não há nenhuma diferença, e nas minhas orações eu peço a Deus para que ela se desenvolva mais ser como outras crianças e nós nos envolvemos tanto nela para que ela fique melhor tenho levado também a terapia de fala no hospital e vou também a psiquiatria levantar mensalmente medicamentos dela”

“Família 5R8 (Setembro, 2023) Logo que soubemos que era autista procuramos superar a notícia e tivemos apoio de outros membros da família, então seguimos desde hospital e fazemos de tudo nos envolvemos na criança para se desenvolver bem e pouco a pouco a gente nota que dá num efeito positivo”.

“Família 6 G4 (Setembro, 2023) eu devo procurar me dar tempo de me envolver mais nela, porque deixando o que as crianças da escolinha as vezes falam acerca dela eu sei que minha filha não é fácil de lidar com ela e ela me tira a paciência as vezes e só me acerto com ela quando falo de dar porrada ou um castigo qualquer, minha filha é difícil de mais, mas preciso me envolver mais para melhorar outras coisas”.

“Família 7 G3 e R3 (Setembro, 2023) tentamos de todas formas lidar com eles mas não é fácil o jeito deles de ser é muito complicado nos envolvemos a nossa maneira mas é muito difícil essas crianças te tiram a paciência”.

“Família8 R13 (Outubro, 2023) percebo que ainda não fiz grande coisa na vida da criança preciso me envolver mais e fazer acompanhamento escolar dele”.

Segundo Borges (2015), o envolvimento e participação dos pais na escola não é apenas um direito social, mas também uma necessidade da escola para que haja sucesso escolar de cada aluno, independentemente das suas limitações.

CONCLUSÃO

A pesquisa procurou mostrar que a família é ponto-chave para inspirar e induzir muitas pessoas, no sentido de elevarem a sua consciência sobre as necessidades educacionais especiais, dando maior visibilidade aos filhos autistas “aprisionados” em casa, através da inserção social e escolar. A pesquisa teve como principal objectivo analisar a importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo na cidade de xai-xai. Os objectivos previamente traçados foram alcançados, pois, foram descritas as experiências de cada família no processo de inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo, as famílias desafiadas a narrar as suas vivências reais, durante a pesquisa, começaram por reconhecer como sua a tarefa de inseri-las na escola e acompanhá-las, buscar respostas para os seus problemas e satisfazer as suas necessidades, enquanto um direito, dividindo tarefas e papéis com a escola, foram igualmente verificadas as alternativas que as famílias adoptam para atender as demandas de crianças com autismo após inserção escolar onde foi possível perceber que as famílias mantêm uma ligação com as escolas nas quais as crianças estão inseridas, apoiam as crianças na satisfação de suas necessidades, e foram identificados os dilemas que as famílias e as escolas enfrentam na promoção do direito à educação de crianças com autismo pelo que, as instituições de ensino principalmente públicas, não possuem uma estrutura e condições para atendimento especializado de acordo com as particularidades e especificidades de cada um, há necessidade de promoção de treinamentos em matérias do autismo nas escolas, equipe multidisciplinar (Assistentes Sociais, Terapeutas Ocupacionais, Psicólogos etc...) para o atendimento especializado de crianças com autismo nas escolas para que se promova uma educação inclusiva de maneira eficiente, da parte da família os desafios que enfrentam são variados como caso de luta para permanência escolar na criança que não tem o interesse pela escola.

A realização de um acompanhamento escolar após inserção na escola é primordial e é através do mesmo que se observa avanço nas crianças, porque trata-se de uma demonstração da participação da família no desenvolvimento intelectual da criança, segundo dados da pesquisa percebeu-se que uma parte das famílias que realizam um acompanhamento escolar de seus filhos autistas observam nos mesmos uma melhoria comparativamente a outra parte de crianças que não recebem devidamente o acompanhamento, nesta senda, as hipóteses desta pesquisa foram validadas. Das famílias que não realizam um acompanhamento de seus filhos se espera um posicionamento melhorado através da actividade de sensibilização realizada junto às famílias.

COSTRANGIMENTOS DA PESQUISA

No decorrer da pesquisa, houve situações constrangedoras, um dos constrangimentos enfrentados foi o de luta para encontrar o grupo pesquisado, visto que após ter se visitado a Fundação kxanimambo para aferir se tinha um número significativo de crianças com autismo ter dado a resposta de ter várias buscou-se submeter o pedido da credencial destinando à Fundação, mas, no processo de levantamento das famílias com crianças autistas para recolha de dados, as crianças encontradas na fundação com diagnóstico a autismo foram apenas três o que colocou-nos no desafio de procurar de escola e escola dentro da cidade de xai-xai crianças alunos com autismo, e foi um grande trabalho porque se deparou com situações em que se percebeu que o autismo é pouco conhecido, pelo simples facto da maior parte das escolas ter perguntado o que é autismo, criança com autismo como se caracteriza? Outro constrangimento foi o caso da indicação de algumas famílias com crianças nessa condição, mas com factor receio as famílias não abriram espaço para a realização do estudo.

SUGESTÕES

Nas escolas deve existir:

- ✓ Um trabalho multidisciplinar com vista a dar um apoio á crianças com Autismo nas escolas. È que na realidade das escolas moçambicanas, criança lida-se meramente com o professor da classe. Já é tempo de se adaptar um professor auxiliar ou terapeuta que possa ajudar em alguns aspectos que sobrecarregam o primeiro, tal como os problemas de atenção/concentração e do aproveitamento de crianças “problemáticas” em relação as matérias leccionadas na sala de aulas.
- ✓ Assistentes Sociais para realização de acompanhamento escolar das crianças nas escolas e a facilitação da comunicação entre Família e Escola.
- ✓ Grupos de apoio a famílias em relação a informações sobre autismo adaptados aos Conselhos de Escola.
- ✓ Palestras regulares nas comunidades e escolas acerca do Autismo, de modo a dar a conhecer as pessoas sobre essa realidade social e criar mecanismos de adopção de uma postura acolhedora e de aceitação das diferenças no *habitat*.

Estado Moçambicano

- ✓ Leis e políticas nacionais que defendam os direitos das pessoas com autismo, existem instrumentos que defendem a pessoa com deficiência, mas, há necessidade de adaptações na legislação moçambicana direccionada ao atendimento dos direitos das crianças com autismo.

Famílias

- ✓ As famílias de crianças com autismo devem realizar um acompanhamento escolar constantemente de modo a se estimular melhor as habilidades e competências de cada criança e melhorar o aproveitamento escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, G. M. (2021). *Adaptações curriculares para um aluno com transtorno do espectro do autismo: estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade de Pedagogia, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14232/TCC%20Giovana%20M%20Almeida%20-%20Final.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30 set. 2021.

Almeida, M. T. C., et al. (2016). Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. *Cadernos de Saúde Coletiva*, 24, 228-234. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/n6ZpCNpT9cSjLWVxVvVrYMr/abstract/?lang=pt#:~:text=%C3%89%20preciso%20faz%C3%AA%20os%20ver,um%20profissional%20para%20tratamento%20multidisciplinar> Acesso em: 28 de out. 2021.

Almeida, T. S. De (2016). *A comunicação Casa-Escola no Contexto de Inclusão de Pessoas com TEA*. Programa de pos-Graduação em Educação Santa Maria, RS.

American Psychiatric Association. (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5ª ed.). Washington: APA.

Araújo, L. A. de. (2019). *Transtorno do espectro autista*. Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775c-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf Acesso em: 23 de jun 2021.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bentez, P. (2017). Mapeamento das estratégias inclusivas para estudantes com deficiência intelectual e autismo. *Psicologia em Estudo*, 22(1), 81-93.

Boaventura, E. M. (2004). *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação e tese*. São Paulo: Atlas.

Borges, M. I. R. (2015). *A relação família/escola e as crianças com necessidades educacionais especiais*. Instituto Superior de Educação e Ciências.

Bó, F. R. (2019). *Caracterização da linguagem de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista* (Dissertação de Mestrado em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental). Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Ribeirão Preto.

Bosa, C. (2006). Intervenções psicoeducacionais. *Revista Brasileira de Psiquiatria*.

Braga, C. C. S. (2010). *Perturbações do espectro do autismo e inclusão: atitudes e representações dos pais, professores e educadores de infância* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Minho.

Brandão, P. C. (2011). A criança com problemas e a escola maternal. In: Centro Lydia Corat (Ed.), *Escritos da criança* (3ª ed.). Porto Alegre: Centro Lydia Coriat.

Brasil. Lei Nº 12.764/2012 Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília.

Brasil. Ministério da Saúde. (2000). *Autismo: Orientação para os pais / Casa do Autista*. 38p. ISBN. Brasília.

Brito, E. R. (2015). A inclusão do autista a partir da educação infantil: Um estudo de caso em uma pré-escola e em uma escola pública no Município de Sinop - Mato Grosso. *Revista Eventos Pedagógicos: Articulação universidade e escola nas ações do ensino de matemática e ciências*, 6(2), 82-91.

Cabral, C. S., Falcke, D., & Marin, A. H. (2021). Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professoras. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/STKcXJNwvxqhGk5QKh8WpLP/>

Camargo, S. P., & Bosa, C. A. (2009). Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 65-74.

Campos, E. de S., Silva, N. F. de, & Amorim, V. F. & Faria, H. M. de S. (2024). Impactos biopsicossociais em decorrência do diagnóstico de autismo para as famílias. *Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas*, 28(134). Registro DOI: 10581/zenodo11416841.

Cavalcante, R. C. (1998). Colaboração entre pais e escola: Educação abrangente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 153-159.

Centro de Apoio e Intervenção no Desenvolvimento Infantil.CAIDI. (2022).*Psicologia*.Rua Guerra Peninsular.loja 1 2560- 010A-Dos- Cunhados. <https://caid.pt/o-autismo-e-parte-deste-mundo-nao-um-mundo-a-parte/>

Chiavenato, I. (2009). *Recursos humanos: o capital humano das organizações* (9ª ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.

Correia, L. M. (2013). *Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores* (2ª ed.). Porto: Porto Editora.

Costa, A. de A. (2018). *A importância da família no processo de aprendizagem: Criança com transtorno do espectro autista-TEA* (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia). Universidade do Estado de Amazonas, Manaus.

Cunha, E. (2015). *Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família* (6ª ed.). Rio de Janeiro: Wak Ed.

Cunha, E. (2009). *Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro: Wak.

Damasceno, M. A., De Almeida, R., & Volpato, L. M. B. (2017). *Trabalho do assistente social e a saúde da pessoa com transtorno do espectro autista: contribuições do serviço social na garantia do direito na utilização serviços públicos de saúde. Etic-Encontro de Iniciação Científica*, 13(13).

Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais (1994). Brasília: UNESCO.

Defensoria Pública de São Paulo. (2011). *Cartilha de Direitos das Pessoas com Autismo*.

Dessen, M., & Polônia, A. (2007). *Família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Paidéia*, 17(36), 21-32.

- Falkembach, E. M. F. (2012). *Diário de campo: um instrumento de reflexão*. *Revista Contexto/Educação*, 7.
- Filho, A. E. (2016). *A importância da família no cuidado da criança autista*. *Revista Saúde em Foco*, 3(1), 66-83.
- França, K. F., & Oliveira, T. T. M. P. (2022). *A importância de pensar as interações sociais para o desenvolvimento de crianças autistas* (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia). Universidade São Francisco, Itatiba.
- Freitas, E. C., & Prodonov, C. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo: Feevale.
- Gerhardt, M., et al. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gil, A. C. (2011). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Goldenberg, M. A. (2011). *A arte de pesquisar* (12ª ed.). Rio de Janeiro: Record.
- Gomes, M. C., Oliveira, A. A. de, & Alcará, A. R. (2016). *Seminário em Ciência da Informação*. Entrevista: Um relato da aplicação da técnica. Londrina: Secin.
- Gomes, C. G. E. (2010). Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16(3), 375-396.
- Guebert, M. C. C., & Rodrigues, M. A. (2021). Sistema educativo em Moçambique: As estratégias internacionais de inclusão. *RIDH*, 9(1), 255-274.
- Houaiss, A., & Villar, M. de S. (2001). *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Jareonsettasin, T. *Educação Sathya Sai – filosofia e prática*. Tradução: Guida
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. (2006). *Metodologia de trabalho científico*. (7ª ed.). São Paulo: Atlas.

Lei de Promoção e Protecção dos Direitos da Criança (Lei nº 7/2008). *africanchildforum.org*.
https://africanchildforum.org/mozambique_children_2008_pr.pdf

Libâneo, J. C. (2012). *Educação escolar: políticas, estrutura e organização* (10. ed. rev. e ampl.). São Paulo: Cortez.

Maciel, L. H. (2018). *A actuação Profissional do Assistente Social no Campo da Educação Inclusiva*. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 16(1).

Malinowski, B. (1967). *A diary in the strict sense of the term*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2009). *Fundamentos de metodologia científica* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de metodologia científica 1* (5ª ed.). São Paulo: Atlas.

Martins, C. S. R. (s/d). *Estratégias De Leitura e Escrita no AEE Para Uma Criança Autista*.

Martins, M. F. A., Acosta, P. C., & Machado, G. (s/d). *A parceria entre Escola e Família de Crianças Com Transtorno do Espectro do Autismo*. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Marques, C. E. (2000). *Perturbações do espectro do autismo – Ensaio de uma Intervenção Construtivista Desenvolvimentista com Mães*. Coimbra: Quarteto Editora.

Matta, R. O. B. (2007). *Oferta e demanda de informação financeira pessoal: O Programa de Educação financeiro do Banco Central do Brasil e os universitários do Distrito Federal* (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília). Brasília.

Mello, A. M. S. R. (2007). *Autismo: guia prático* (7ª ed.). São Paulo: AMA; Brasília: CORDE.

Menezes, A. S. (2022). *Inclusão escolar de alunos com autismo: Quem ensina e quem aprende?* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

Mendonça, M. F. (2021). *A inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro do*

autismo: uma revisão bibliográfica. Gama.

Minatel, M. M., & Matsukura, T. S. (2015). Familiares de crianças e adolescentes com autismo: percepções do contexto escolar. *Revista Educação Especial*, 28(52), 429-442.

Mioto, R. C. T. (2001). Perícia Social: proposta de um percurso operativo. *Serviço Social e Sociedade*, 67, 145-158.

Monhol, P. P., et al. (2021). Filhos com transtorno do espectro autista: percepção e vivência das famílias. *Journal of Human Growth and Development*, 31(2), 224-235.

Moraes, B. L. B., & Carvalho, L. S. (s/d). Experiência De Um Autista na Educação Infantil. Universidade Federal de Uberlândia.

Moro, M. P. (2010). O brincar, a interação dialógica e o circuito pulsional da voz na terapia fonoaudiológica de crianças do espectro autístico (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria).
<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6483/MORO%2c%20MICHELE%20PAULA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Muniz, S. M. (2018). *Serviço Social e Inclusão: A actuação do Assistente Social junto ao processo de inclusão das crianças com deficiência nas escolas do regular*. Inhumas/Goiás Brasil. ISSN 1986-6576, 10(1), 179-192.

Nascimento, T. T. C. (2017). *A inclusão de uma criança com TEA na rede privada de ensino: um estudo de caso sobre a parceria escola/família* (Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba).

Organização Mundial da Saúde. (2013). *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Oliveira, F. L. (2020). *Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista*. *Revista Educação Pública*.

Páez, S. M. C. A. (2001). Integração em processo: da exclusão à inclusão. *Escritos da criança*, 6, 29-39.

Parolin, I. C. H. (2006). *Aprendendo a incluir e incluindo para aprender*. São José dos

Campos: Pulso Editorial.

Piaget, J. (1975). A teoria de Jean Piaget. In P. H. Mussen (Org.), *Carmichael - Manual de Psicologia da Criança (Vol. 4 - Desenvolvimento Cognitivo I)* (Coord. Samuel P. Netto, Edição em português). São Paulo: EPU e EDUSP.

Prodanov, C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2ª ed.). Novo Hamburgo: Feevale.

República de Moçambique. (2012). Plano Nacional da Área da Deficiência – PNAD II 2012 – 2019.

República de Moçambique. (2017). Resolução n°46/2017. Política de Acção Social.

República de Moçambique. (2018). Lei n°1/2018. Constituição da República de Moçambique. Maputo: Imprensa Nacional.

República de Moçambique. (1992). Lei 6/1992 de 6 de Maio. Lei do Sistema Nacional de Educação.

República de Moçambique. (1991). Lei n°8/91 de 18 de Julho. Decreto n°21/91 de 3 de Outubro. AMA. Boletim da República. Série 99.

Richardson, R. J. (2012). *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Samaro, S. (2014). *Visita domiciliar: teoria e prática*. Campinas, SP: Papel Social.

Santos, B. (2014). *A Garantia do Direito a Educação da criança Autista*. Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Santos, R. K., & Vieira, A. M. E. C. da S. (2017). *Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional*. Universidade Federal Rural do Semi-árido. <https://periodicos.ufersa.edu.br/index.php/includere/article/view/7413/pdf>

Santos, R. V. (2016). *A escolarização de crianças com transtorno do espectro autista: uma possibilidade de emancipação* (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais, Universidade Nove de Julho).

Santos, V. C. da R. (2015). *Família: Uma aliada na Educação Inclusiva?* Curso de

Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB, Brasília.

Sarmiento, H. B. M. (1994). *Instrumentos e técnicas em serviço social: elemento para uma rediscussão (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)*. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17801>

Sarmiento, M. J. (2005). *Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. Educação & Sociedade*, 26, Campinas.

Schmidt, C. (2013). *Transtorno do Espectro do Autismo na Escola. Protagonismo no Processo Inclusivo*. http://w3.UFSm.br/edea/imagens/Artigis/GT15_1786_int.pdf

Schmidt, C. (2004). *Estresse, auto-eficácia e o contexto de adaptação familiar de mães de portadores de autismo (Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre)*.

Serra, D. (2010). *Autismo, família e inclusão. Polêmica Revista Eletrônica*, 9(1), 40-56.

Sigaud, C. H. S. (2009). *Aspectos éticos e estratégias para a participação voluntária da criança em pesquisa. Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43, 1342-1346.

Shaw, G. S. L. (2021). *Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas. Educação Pública*. Recuperado de <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/25/a-importancia-da-familia-para-o-sujeito-portador-de-autismo-a-educacao-e-a-formacao-docente>

Silva, A. L. B., & Menezes, C. (2022). *O papel da família do aluno autista no processo de inclusão escolar*. *Id onLine Revista de Psicologia*, 16(64), 227-240. <https://doi.org/10.1590/1981-1179>

Silva, E. F., & Elias, L. C. S. (2020). *Habilidades sociais de pais, professores e alunos com deficiência intelectual em inclusão escolar*. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26(4), 605-622. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0142>

Silva, N., & Dessen, N. (2001). *Deficiência mental e família: implicações para o desenvolvimento da criança*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 133-141.

Sousa, P. A., & Filho, J. M. (2008). *A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional*. Revista Iberoamericana de Educación, 46(1), 1-8. <https://doi.org/10.1590/1981-1179>

Souza, L. A. A. R., & Silva, S. K. L. (2017). *O serviço social e educação especial: Análise da atuação profissional na DEE do município de Marabá-PA*. IV Congresso Paraense de Educação Especial – UNIFESSPA/Marabá-PA. ISSN 2526-3579.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Vieira, N. M., & Baldin, S. R. (2017). *Diagnóstico e intervenção de indivíduos com transtorno de espectro autista*. In 10º Enfope/11º Fopie, GT6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

White, S. E., McMorris, C., Weiss, J. A., & Lunsy, Y. (2012). *The experience of crisis in families of individuals with autism spectrum disorder across the lifespan*. Journal of Child and Family Studies, 21(3), 457-465.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª ed.). Porto Alegre: Bookman.

APÊNDICES 1



Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS)

Departamento de Sociologia

Licenciatura em Serviço Social

Guião de entrevista as famílias

O presente guião de entrevista foi elaborado com objectivo de analisar a importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças autistas. Elaborado pela estudante Argência Alberto Jalane, do curso de Licenciatura em Serviço Social, na Universidade Eduardo Mondlane.

As informações que aqui serão recolhidas serão apenas direccionadas à pesquisa, para a obtenção do título de graduação, assim como a identidade dos entrevistados será protegida.

I. DIREITO Á ESCOLA "O PROCESSO DE INSERÇÃO ESCOLAR DA CRIANÇA COM AUTISMO"

1. Considera o acesso a escola como um direito da criança?
2. Considera a inserção da criança com autismo na escola essencial?
 - a) Considera que o papel de inserir as crianças com autismo nas escola e das famílias?
 - b) Alguma vez já sofreram algum tipo de preconceito pelo facto de conviverem com criança autista?
3. A sua criança frequenta a escola? Se sim. Explica como ocorreu o processo de inserção escolar da criança
4. Quais são os desafios enfrentados pela família no âmbito da inserção escolar?

II. EXPERIÊNCIA ESCOLAR DA CRIANÇA AUTISTA E SEU ACOMPANHAMENTO

1. O que entende por realizar um acompanhamento escolar?
2. Tem realizado acompanhamento escolar da criança?
3. Podes partilhar a experiencia do processo de ensino e aprendizagem da sua criança autista?
4. Tem enfrentado algum dilema no acompanhamento escolar do seu/a filha/o?
5. Que estrategias a familia busca para realizar um acompanhamento eficaz junto a criança com autismo?
6. Apos a inserção da criança na escola percebeu algum desenvolvimento ou evolucao do seu filho? Se sim pode partilhar esses momentos?

III. COMUNICAÇÃO COM A ESCOLA

1. Como tem sido a comunicação entre os pais e ou encarregados de educação e a escola?
2. Existe uma comunicação entre os pais e o professor da criança ? se sim, como ocorre?

IV. BENEFÍCIOS DO APOIO FAMILIAR

1. Na sua opinião quais são os principais benefícios do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo?

2. De que forma o envolvimento familiar tem impactado o desenvolvimento e bem-estar da criança com autismo?

2

A

Escola Primária da Praia de Xai-Xai.

No âmbito da disciplina de trabalho de fim do curso, Argência Alberto Jalane, estudante do 4º ano do curso de licenciatura em serviço social na universidade Eduardo Mondlane, vem através desta, pedir Permissão para a realização da coleta de dados sobre o tema: **Análise da importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: cidade de xai-xai 2021-2023.**

Xai-Xai, 1 de Agosto de 2023

Pesquisadora: Argência Alberto Jalane

Argência jalane

Regência João
Chefe de arquivo
Orlando Chiss

A red circular stamp is located in the center of the signature area. It contains the text "ESCOLA PRIMARIA DA PRAIA DE XAI-XAI" around the perimeter and "1975" in the center. The stamp is partially obscured by the handwritten signature.

Ao Jardim infantil Yasmim – Cidade de Xai-Xai

No âmbito da disciplina de trabalho de fim do curso, Argência Alberto Jalane, estudante do 4º ano do curso de licenciatura em serviço social na universidade Eduardo Mondlane, vem através desta, pedir Permissão para a realização da coleta de dados sobre o tema: **Análise da importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: cidade de xai-xai 2021-2023.**

Xai-Xai, Setembro de 2023

Pesquisadora: Argência Alberto Jalane



ANEXOS 1



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

CREDECIAL Nº130/DRA-FLCS/ 2023

No âmbito da disciplina de Trabalho de Fim de Curso, credencia-se, junto à Fundação Khanimambo de Xai- Xai, a Sr^a. **Argência Alberto Jalane**, estudante do 4º ano do Curso de Licenciatura em Serviço Social, para realizar o trabalho de recolha de dados sobre o tema “Importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: estudo de caso da Fundação Kanimambo de Xai- Xai.”

Agradece-se antecipadamente todo o apoio que lhe possa ser prestado para o bom andamento do trabalho.

Maputo, 17 de Maio de 2023

p.l O Director Nacional Adjunto Para área de Graduação

Prof. Doutor Marlino Eugénio Mubai

(Professor Auxiliar)





República de Moçambique
Governo do Distrito de Xai-Xai
Escola Primária do 1º e 2º Graus da Praia de Xai-Xai

Argência Alberto Jalane, Estudante do 4º ano do curso de Licenciatura **em serviço social** na **Universidade Eduardo Mondlane**, lhe é permitida a realização da coleta de dados para seu trabalho do fim do Curso com o Tema: **Análise da importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: cidade de xai-xai 2021-2023.**

Xai-Xai, Agosto de 2023

A Directora da Escola

Lubela Bento Chichango

(DN1)



Bairro 5 Patrice Lumumba
Rua de Pavês
Cel: 84 121 2123/83 333 0333

PARECER

É de parecer favorável à petição da **ARGÊNCIA ALBERTO JALANE**, estudante do 4º Ano do curso de Licenciatura em Serviço Social na Universidade Eduardo Mondlane, após ter realizado a visita no Colégio 20 de Julho, instituição de Ensino Primário, Privado, localizado no bairro 5 Patrice Lumumba, Cidade de Xai- Xai, província de Gaza, com o objectivo de buscar informações sobre o grupo alvo que interessa na sua pesquisa estudantil, para a colecta de dados com o tema ‘ Análise da Importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo, Cidade de Xai- Xai, 2021- 2023’

Por ser verdade, passa se o presente parecer que vai assinado e carimbado com tinta de óleo em uso neste estabelecimento de Ensino.

Xai- Xai, Agosto de 2023

O Director

/ Costa António Muchave/
BAIRRO 5 PATRICE LUMUMBA
RUA DE PAVES
Inst. de Ensino Pedag N1



JARDIM INFANTIL YASMIN

Em resposta ao pedido da Sra Argência Alberto Jalane, Estudante da Universidade Eduardo Mondlane, o jardim infantil Yasmin não coloca nenhum impedimento para a realização da coleta de dados para sua monografia com o Tema: **Análise da importância do apoio familiar na inserção e acompanhamento escolar de crianças com autismo: cidade de xai-xai 2021-2023.**

Xai-Xai, Setembro de 2023

Dr^a Pedagógica

Marcia Banze

JARDIM INFANTIL YASMIN
Márcia Banze